



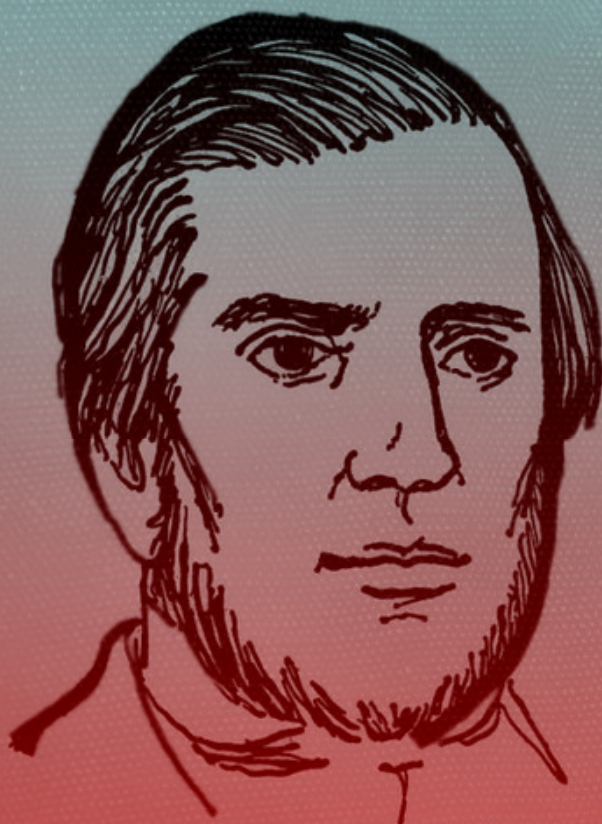
# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

# Literatura



Martins Pena

*O Noviço*



Iba Mendes Editor Digital

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*O Noviço*  
Martins Pena

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1853.

Livro Digital nº 852 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Luís Carlos Martins Pena**

**(1815 - 1848)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# O NOVIÇO

## COMÉDIA EM TRÊS ATOS



### PERSONAGENS:

AMBRÓSIO

FLORÊNCIA (sua mulher)

EMÍLIA (sua filha)

JUCA (9 anos, dito)

CARLOS (noviço da Ordem de São Bento)

ROSA (provinciana, primeira mulher de Ambrósio)

PADRE-MESTRE DOS NOVIÇOS

JORGE.

JOSÉ (criado)

Um meirinho (que fala)

Dois ditos (que não falam)

Soldados de Permanentes, etc., etc.

*A cena passa-se no Rio de Janeiro.*

### ATO I

*Sala ricamente adornada: mesa, consolos, mangas de vidro, jarras com flores, cortinas, etc., etc. No fundo, porta de saída, uma janela, etc., etc.*

### CENA I

AMBRÓSIO (*só, de calça preta e chambre*)

No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la. Pintam-na cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar. Todo o homem pode ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinácia são poderosos auxiliares. Qual o homem que, resolvido a empregar todos os meios, não consegue enriquecer-se? Em mim se

vê o exemplo. Há oito anos, era eu pobre e miserável, e hoje sou rico, e mais ainda serei. O como não importa; no bom resultado está o mérito... Mas um dia pode tudo mudar. Oh, que temo eu? Se em algum tempo tiver de responder pelos meus atos, o ouro justificar-me-á e serei limpo de culpa. As leis criminais fizeram-se para os pobres...

## CENA II

*Entra Florência, vestida de preto, como quem vai a festa.*

FLORÊNCIA (*entrando*)  
Ainda despido, Sr. Ambrósio?

AMBRÓSIO  
É cedo. (*Vendo o relógio*) São nove horas, e o ofício de Ramos principia às dez e meia.

FLORÊNCIA  
É preciso ir mais cedo para tomarmos lugar.

AMBRÓSIO  
Para tudo há tempo. Ora dize-me, minha bela Florência...

FLORÊNCIA  
O que, meu Ambrosinho?

AMBRÓSIO  
O que pensa tua filha do nosso projeto?

FLORÊNCIA  
O que pensa não sei eu, nem disso se me dá; quero eu — e basta. E é seu dever obedecer.

AMBRÓSIO  
Assim é; estimo que tenhas caráter enérgico.

FLORÊNCIA

Energia tenho eu.

AMBRÓSIO

E atrativos, feiticeira...

FLORÊNCIA

Ai, amorzinho! (*À parte*) Que marido!

AMBRÓSIO

Escuta-me, Florência, e dá-me atenção. Crê que ponho todo o meu pensamento em fazer-te feliz...

FLORÊNCIA

Toda eu sou atenção.

AMBRÓSIO

Dois filhos te ficaram do teu primeiro matrimônio. Teu marido foi um digno homem e de muito juízo; deixou-te herdeira de avultado cabedal. Grande mérito é esse...

FLORÊNCIA

Pobre homem!

AMBRÓSIO

Quando eu te vi pela primeira vez, não sabia que eras viúva rica. (*À parte*) Se o sabia! (*Alto*) Amei-te por simpatia.

FLORÊNCIA

Sei disso, vidinha.

AMBRÓSIO

E não foi o interesse que obrigou-me a casar contigo.

FLORÊNCIA

Foi o amor que nos uniu.

AMBRÓSIO

Foi, foi, mas agora que me acho casado contigo, é de meu dever zelar essa fortuna que sempre desprezei.

FLORÊNCIA (*à parte*)

Que marido!

AMBRÓSIO (*à parte*)

Que tola! (*Alto*) Até o presente tens gozado dessa fortuna em plena liberdade e a teu bel-prazer; mas daqui em diante, talvez assim não seja.

FLORÊNCIA

E por quê?

AMBRÓSIO

Tua filha está moça e em estado de casar-se. Casar-se-á, e terás um genro que exigirá a legítima de sua mulher, e desse dia principiarão as amofinações para ti, e intermináveis demandas. Bem sabes que ainda não fizestes inventário.

FLORÊNCIA

Não tenho tido tempo, e custa-me tanto aturar procuradores!

AMBRÓSIO

Teu filho também vai a crescer todos os dias e será preciso por fim dar-lhe a sua legítima... Novas demandas.

FLORÊNCIA

Não, não quero demandas.

AMBRÓSIO

É o que eu também digo; mas como preveni-las?

FLORÊNCIA

Faze o que entenderes, meu amorzinho.



AMBRÓSIO

Eu já te disse há mais de três meses o que era preciso fazermos para atalhar esse mal. Amas a tua filha, o que é muito natural, mas amas ainda mais a ti mesma...

FLORENCIA

O que também é muito natural...

AMBRÓSIO

Que dúvida! E eu julgo que podes conciliar esses dois pontos, fazendo Emília professar em um convento. Sim, que seja freira. Não terás nesse caso de dar legítima alguma, apenas um insignificante dote — e farás ação meritória.

FLORENCIA

Coitadinha! Sempre tenho pena dela; o convento é tão triste!

AMBRÓSIO

É essa compaixão mal-entendida! O que é este mundo? Um pélagos de enganos e traições, um escolho em que naufragam a felicidade e as doces ilusões da vida. E o que é o convento? Porto de salvação e ventura, asilo da virtude, único abrigo da inocência e verdadeira felicidade... E deve uma mãe carinhosa hesitar na escolha entre o mundo e o convento?

FLORENCIA

Não, por certo...

AMBRÓSIO

A mocidade é inexperiente, não sabe o que lhe convém. Tua filha lamentar-se-á, chorará desesperada, não importa; obriga-a e dai tempo ao tempo. Depois que estiver no convento e acalmar-se esse primeiro fogo, abençoará o teu nome e, junto ao altar, no êxtase de sua tranquilidade e verdadeira felicidade, rogará a Deus por ti. (*À parte*) E a legítima ficará em casa...

FLORENCIA

Tens razão, meu Ambrosinho, ela será freira.

AMBRÓSIO

A respeito de teu filho direi o mesmo. Tem ele nove anos e será prudente criarmos-lo desde já para frade.

FLORÊNCIA

Já ontem comprei-lhe o hábito com que andará vestido daqui em diante.

AMBRÓSIO

Assim não estranhará quando chegar à idade de entrar no convento; será frade feliz. (*À parte*) E a legítima também ficará em casa...

FLORÊNCIA

Que sacrifícios não farei eu para ventura de meus filhos!

### CENA III

*Entra Juca, vestido de frade, com chapéu desabado, tocando um assobio.*

FLORÊNCIA

Anda cá, filhinho. Como estais galante com esse hábito!

AMBRÓSIO

Juquinha, gostas desta roupa?

JUCA

Não, não me deixa correr, é preciso levantar assim... (*Arregaça o hábito*)

AMBRÓSIO

Logo te acostumarás.

FLORÊNCIA

Filhinho, hás de ser um fradinho muito bonito.

JUCA (*chorando*)  
Não quero ser frade!

FLORÊNCIA  
Então, o que é isso?

JUCA  
Hi, hi, hi... Não quero ser frade!

FLORÊNCIA  
Menino!

AMBRÓSIO  
Pois não te darei o carrinho que te prometi, todo bordado de prata,  
com cavalos de ouro.

JUCA (*rindo-se*)  
Onde está o carrinho?

AMBRÓSIO  
Já o encomendei; é coisa muito bonita: os arreios todos enfeitados de  
fitas e veludo.

JUCA  
Os cavalos são de ouro?

AMBRÓSIO  
Pois não, de ouro com os olhos de brilhantes.

JUCA  
E andam sozinhos?

AMBRÓSIO  
Se andam! De marcha e passo.

JUCA  
Andam, mamãe?

FLORENÇA

Correm, filhinho.

JUCA (*saltando de contente*)

Como é bonito! E o carrinho tem rodas, capim para os cavalos, uma moça bem enfeitada?

AMBRÓSIO

Não lhe falta nada.

JUCA

E quando vem?

AMBRÓSIO

Assim que estiver pronto.

JUCA (*saltando e cantando*)

Eu quero ser frade, eu quero ser frade... (*Etc.*)

AMBRÓSIO (*para Florência*)

Assim o iremos acostumando...

FLORENÇA

Coitadinho, é preciso comprar-lhe o carrinho!

AMBRÓSIO (*rindo-se*)

Com cavalos de ouro?

FLORENÇA

Não.

AMBRÓSIO

Basta que se compre uma caixinha com soldados de chumbo.

JUCA (*saltando pela sala*)

Eu quero ser frade!

FLORÊNCIA

Está bom, Juquinha, serás frade; mas não grites tanto. Vai lá para dentro.

JUCA (*sai cantando*)

Eu quero ser frade... (*Etc.*)

FLORÊNCIA

Estas crianças...

AMBRÓSIO

Este levaremos com facilidade... De pequenino se torce o pepino... Cuidado me dá o teu sobrinho Carlos.

FLORÊNCIA

Já vai para seis meses que ele entrou como noviço no convento.

AMBRÓSIO

E queira Deus que decorra o ano inteiro para professar, que só assim ficaremos tranquilos.

FLORÊNCIA

E se fugir do convento?

AMBRÓSIO

Lá isso não temo eu... Está bem recomendado. É preciso empregarmos toda nossa autoridade para obrigá-lo a professar. O motivo, bem o sabes...

FLORÊNCIA

Mas olha que Carlos é da pele, é endiabrado.

AMBRÓSIO

Outros tenho eu domado... Vão sendo horas de sairmos, vou-me vestir. (*Sai pela esquerda*)

## CENA IV

FLORÊNCIA (só)

Se não fosse este homem com quem casei-me segunda vez, não teria agora quem zelasse com tanto desinteresse a minha fortuna. É uma bela pessoa... Rodeia-me de cuidados e carinhos. Ora, digam lá que uma mulher não deve casar-se segunda vez... Se eu soubesse que havia de ser sempre tão feliz, casar-me-ia cinquenta.

## CENA V

*Entra Emília, vestida de preto, como querendo atravessar a sala.*

FLORÊNCIA

Emília, vem cá.

EMÍLIA

Senhora?

FLORÊNCIA

Chega aqui. Ó menina, não deixarás este ar triste e lagrimoso em que andas?

EMÍLIA

Minha mãe, eu não estou triste. *(Limpa os olhos com o lenço)*

FLORÊNCIA

Aí tem! Não digo? A chorar. De que chora?

EMÍLIA

De nada, não senhora.

FLORÊNCIA

Ora, isto é insuportável! Mata-se e amofina-se uma mãe extremosa para fazer a felicidade de sua filha, e como agradece esta?

Arrepelando-se e chorando. Ora, sejam lá mãe e tenham filhos desobedientes...

EMÍLIA

Não sou desobediente. Far-lhe-ei a vontade; mas não posso deixar de chorar e sentir.

*(Aqui aparece à porta por onde saiu, Ambrósio, em mangas de camisa, para observar)*

FLORÊNCIA

E por que tanto chora a menina, por quê?

EMÍLIA

Minha mãe...

FLORÊNCIA

O que tem de mau a vida de freira?

EMÍLIA

Será muito boa, mas é que não tenho inclinação nenhuma para ela.

FLORÊNCIA

Inclinação, inclinação! O que quer dizer inclinação? Terás, sem dúvida, por algum francelho frequentador de bailes e passeios, jogador do *écarté* e dançador de polca? Essas inclinações é que perdem a muitas meninas. Esta cabecinha ainda está muito leve; eu é que sei o que te convém: serás freira.

EMÍLIA

Serei freira, minha mãe, serei! Assim como estou certa que hei de ser desgraçada.

FLORÊNCIA

Histórias! Sabes tu o que é mundo? O mundo é... é... *(À parte)* Já não me recordo o que me disse o Sr. Ambrósio que era o mundo. *(Alto)*

O mundo é... um... é... (*À parte*) E esta? (*Vendo Ambrósio junto da porta*) Ah, Ambrósio, dize aqui a esta estonteada o que é o mundo.

AMBRÓSIO (*adiantando-se*)

O mundo é um pélogo de enganos e traições, um escolho em que naufragam a felicidade e as doces ilusões da vida... E o convento é porto de salvação e ventura, único abrigo da inocência e verdadeira felicidade... Onde está minha casaca?

FLORÊNCIA

Lá em cima no sótão. (*Ambrósio sai pela direita. Florência, para Emília*) Ouviste o que é o mundo, e o convento? Não sejas pateta, vem acabar de vestir-te, que são mais que horas. (*Sai pela direita*)

## CENA VI

*Emília e depois Carlos.*

EMÍLIA

É minha mãe, devo-lhe obediência, mas este homem, meu padrasto, como o detesto! Estou certa que foi ele quem persuadiu a minha mãe que me metesse no convento. Ser freira? Oh, não, não! E Carlos, que tanto amo? Pobre Carlos, também te perseguem! E por que nos perseguem assim? Não sei. Como tudo mudou nesta casa, depois que minha mãe casou-se com este homem! Então não pensou ela na felicidade de seus filhos. Ai, ai!

## CENA VII

*Carlos, com hábito de noviço, entra assustado e fecha a porta.*

EMÍLIA (*assustando-se*)

Ah, quem é? Carlos!

CARLOS

Cala-te!



EMÍLIA

Meu Deus, o que tens, por que estás tão assustado? O que foi?

CARLOS

Aonde está minha tia, e o teu padrasto?

EMÍLIA

Lá em cima. Mas o que tens?

CARLOS

Fugi do convento, e aí vêm eles atrás de mim.

EMÍLIA

Fugiste? E por que motivo?

CARLOS

Por que motivo? Pois faltam motivos para se fugir de um convento? O último foi o jejum em que vivo há sete dias... Vê como tenho esta barriga, vai a sumir-se. Desde sexta-feira passada que não mastigo pedaço que valha a pena.

EMÍLIA

Coitado!

CARLOS

Hoje, já não podendo, questionei com o Dom Abade. Palavras puxam palavras; dize tu, direi eu, e por fim de contas arrumei-lhe uma cabeçada, que o atirei por esses ares.

EMÍLIA

O que fizestes, louco?

CARLOS

E que culpa tenho eu, se tenho a cabeça esquentada? Para que querem violentar minhas inclinações? Não nasci para frade, não tenho jeito nenhum para estar horas inteiras no coro a rezar com os braços encruzados. Não me vai o gosto para aí... Não posso jejuar:

tenho, pelo menos três vezes ao dia, uma fome de todos os diabos. Militar é o que eu quisera ser; para aí chama-me a inclinação. Bordoadas, espadeiradas, rusgas é que me regalam; esse é o meu gênio. Gosto de teatro, e de lá ninguém vai ao teatro, à exceção de Frei Maurício, que frequenta a plateia de casaca e cabeleira, para esconder a coroa.

EMÍLIA

Pobre Carlos, como terás passado estes seis meses de noviciado!

CARLOS

Seis meses de martírio! Não que a vida de frade seja má; boa é ela para quem a sabe gozar e que para ela nasceu; mas eu, priminha, eu que tenho para a tal vidinha negação completa, não posso!

EMÍLIA

E os nossos parentes quando nos obrigam a seguir uma carreira para a qual não temos inclinação alguma, dizem que o tempo acostumar-nos-á.

CARLOS

O tempo acostumar! Eis aí porque vemos entre nós tantos absurdos e disparates. Este tem jeito para sapateiro: pois vá estudar medicina... Excelente médico! Aquele tem inclinação para cômico: pois não senhor, será político... Ora, ainda isso vá. Estoutro só tem jeito para caiador ou borrador: nada, é ofício que não presta... Seja diplomata, que borra tudo quanto faz. Aqueloutro chama-lhe toda a propensão para a ladroeira; manda o bom senso que se corrija o sujeitinho, mas isso não se faz: seja tesoureiro de repartição, fiscal, e lá se vão os cofres da nação à garra... Essoutro tem uma grande carga de preguiça e indolência e só serviria para leigo de convento, no entanto, vemos o bom do mandrião empregado público, comendo com as mãos encruzadas sobre a pança o pingue ordenado da nação.

EMÍLIA

Tens muita razão; assim é.

CARLOS

Este nasceu para poeta ou escritor, com uma imaginação fogosa e independente, capaz de grandes coisas, mas não pode seguir a sua inclinação, porque poetas e escritores morrem de miséria, no Brasil. E assim o obriga a necessidade a ser o mais somenos amanuense em uma repartição pública e a copiar cinco horas por dia os mais soníferos papéis. O que acontece? Em breve matam-lhe a inteligência e fazem do homem pensante máquina estúpida, e assim se gasta uma vida! É preciso, é já tempo que alguém olhe para isso, e alguém que possa.

EMÍLIA

Quem pode nem sempre sabe o que se passa entre nós, para poder remediar; é preciso falar.

CARLOS

O respeito e a modéstia prendem muitas línguas, mas lá vem um dia que a voz da razão se faz ouvir, e tanto mais forte quanto mais comprimida.

EMÍLIA

Mas Carlos, hoje te estou desconhecendo...

CARLOS

A contradição em que vivo tem-me exasperado! E como queres tu que eu não fale quando vejo, aqui, um péssimo cirurgião que poderia ser bom alveitar; ali, um ignorante general que poderia ser excelente enfermeiro; acolá, um periodiqueiro que só serviria para arrieiro, tão desbocado e insolente é, etc., etc. Tudo está fora de seus eixos...

EMÍLIA

Mas que queres tu que se faça?

CARLOS

Que não se constranja ninguém, que se estudem os homens e que haja uma bem entendida e esclarecida proteção, e que, sobretudo, se despreze o patronato, que assenta o jumento nas bancas das academias e amarra o homem de talento à manjedoura. Eu, que quisera viver com uma espada à cinta e à frente do meu batalhão, conduzi-lo ao inimigo através da metralha, bradando: “Marcha... (*Manobrando pela sala, entusiasmado*) Camaradas, coragem, calar baionetas! Marche, marche! Firmeza, avança! O inimigo fraqueia... (*Seguindo Emília, que recua, espantada*) Avança!”

EMÍLIA

Primo, primo, que é isso? Fique quieto!

CARLOS (*entusiasmado*)

“Avança, bravos companheiros, viva a Pátria! Viva!” — e voltar vitorioso, coberto de sangue e poeira... Em vez desta vida de agitação e glória, hei de ser frade, revestir-me de paciência e humildade, encomendar defuntos... (*Cantando*) *Requiescat in pace... a porta inferi! amen...* O que seguirá disto? O ser eu péssimo frade, descrédito do convento e vergonha do hábito que visto. Falta-me a paciência.

EMÍLIA

Paciência, Carlos, preciso eu também ter, e muita. Minha mãe declarou-me positivamente que eu hei de ser freira.

CARLOS

Tu, freira? Também te perseguem?

EMÍLIA

E meu padrasto ameaça-me.

CARLOS

Emília, aos cinco anos estava eu órfão, e tua mãe, minha tia, foi nomeada por meu pai sua testamenteira e minha tutora. Contigo cresci nesta casa, e à amizade de criança seguiu-se inclinação mais forte... Eu te amei, Emília, e tu também me amaste.

EMÍLIA

Carlos!

CARLOS

Vivíamos felizes, esperando que um dia nos uniríamos. Nesses planos estávamos, quando apareceu este homem, não sei donde, e que soube a tal ponto iludir tua mãe, que a fez esquecer-se de seus filhos que tanto amava, de seus interesses e contrair segundas núpcias.

EMÍLIA

Desde então nossa vida, tem sido tormentosa...

CARLOS

Obrigaram-me a ser noviço, e não contentes com isso, querem-te fazer freira. Emília, há muito tempo que eu observo este teu padrasto. E sabes qual tem sido o resultado de minhas observações?

EMÍLIA

Não.

CARLOS

Que ele é um rematadíssimo velhaco.

EMÍLIA

Oh, estás bem certo disso?

CARLOS

Certíssimo! Esta resolução que tomaram, de fazerem-te freira, confirma a minha opinião.

EMÍLIA

Explica-te.

CARLOS

Teu padrasto persuadia a minha tia que me obrigasse a ser frade para assim roubar-me, impunemente, a herança que meu pai deixou-me. Um frade não põe demandas...

EMÍLIA  
É possível?

CARLOS  
Ainda mais; querem que tu sejas freira para não te darem dote, se te casares.

EMÍLIA  
Carlos, quem te disse isso? Minha mãe não é capaz!

CARLOS  
Tua mãe vive iludida. Oh, que não possa eu desmascarar este tratante!...

EMÍLIA  
Fala baixo!

## CENA VIII

*Entra Juca.*

JUCA  
Mana, mamãe pergunta por você.

CARLOS  
De hábito? Também ele?...

JUCA (*correndo para Carlos*)  
Primo Carlos!

CARLOS (*tomando-o no colo*)  
Juquinha! Então, prima, tenho ou não razão? Há ou não plano?

JUCA

Primo, você também é frade? Já lhe deram também um carrinho de prata com cavalos de ouro?

CARLOS

O que dizes?

JUCA

Mamãe disse que havia de me dar um muito dourado quando eu fosse frade. (*Cantando*) Eu quero ser frade... (*Etc., etc.*)

CARLOS (*para Emília*)

Ainda duvidas? Vê como enganam esta inocente criança!

JUCA

Não enganam não, primo, os cavalos andam sozinhos.

CARLOS (*para Emília*)

Então?

EMÍLIA

Meu Deus!

CARLOS

Deixa o caso por minha conta. Hei de fazer uma estralada de todos os diabos, verão...

EMÍLIA

Prudência!

CARLOS

Deixa-os comigo. Adeus, Juquinha, vai para dentro com tua irmã.  
(*Bota-o no chão*)

JUCA

Vamos, mana. (*Sai cantando*) Eu quero ser frade...

(*Emília o segue*)

## CENA IX

CARLOS (*só*)

Hei de descobrir algum meia... Oh, se hei de! Hei de ensinar a este patife, que casou-se com minha tia para comer não só a sua fortuna, como a de seus filhos. Que belo padraço!... Mas por ora tratemos de mim; sem dúvida no convento anda tudo em polvorosa... Foi boa cabeçada! O Dom Abade deu um salto de trampolim... (*Batem à porta*) Batem? Mau! Serão eles? (*Batem*) Espreitemos pelo buraco da fechadura. (*Vai espreitar*) É uma mulher... (*Abre a porta*)

## CENA X

*Rosa e Carlos.*

ROSA

Dá licença?

CARLOS

Entre.

ROSA (*entrando*)

Uma serva de Vossa Reverendíssima.

CARLOS

Com quem tenho o prazer de falar?

ROSA

Eu, Reverendíssimo Senhor, sou uma pobre mulher. Ai, estou muito cansada...

CARLOS

Pois sente-se, senhora. (*À parte*) Quem será?



ROSA (*sentando-se*)

Eu chamo-me Rosa. Há uma hora que cheguei do Ceará no vapor Paquete do Norte.

CARLOS

Deixou aquilo por lá tranquilo?

ROSA

Muito tranquilo, Reverendíssimo. Houve apenas no mês passado vinte e cinco mortes.

CARLOS

São Brás! Vinte e cinco mortes! E chama a isso tranquilidade?

ROSA

Se Vossa Reverendíssima soubesse o que por lá vai, não se admiraria. Mas, meu senhor, isto são causas que nos não pertencem; deixe lá morrer quem morre, que ninguém se importa com isso. Vossa Reverendíssima é cá da casa?

CARLOS

Sim senhora.

ROSA

Então é parente de meu homem?

CARLOS

De seu homem?

ROSA

Sim senhor.

CARLOS

E quem é seu homem?

ROSA

O Sr. Ambrósio Nunes.

CARLOS

O Sr. Ambrósio Nunes!...

ROSA

Somos casados há oito anos.

CARLOS

A senhora é casada com o Sr. Ambrósio Nunes, e isto há oito anos?

ROSA

Sim senhor.

CARLOS

Sabe o que está dizendo?

ROSA

Essa é boa!

CARLOS

Está em seu perfeito juízo?

ROSA

O Reverendíssimo ofende-me...

CARLOS

Com a fortuna! Conte-me isso, conte-me — como se casou, quando, como, em que lugar?

ROSA

O lugar foi na igreja.

CARLOS

Está visto.

ROSA

Quando, já disse; há oito anos.

CARLOS

Mas onde?

ROSA (*levanta-se*)

Eu digo a Vossa Reverendíssima. Sou filha do Ceará. Tinha eu meus quinze anos quando lá apareceu, vindo do Maranhão, o Sr. Ambrósio. Foi morar na nossa vizinhança. Vossa Reverendíssima bem sabe o que são vizinhanças... Eu o via todos os dias, ele também via-me; eu gostei, ele gostou e nos casamos.

CARLOS

Isso foi anda mão, fia dedo... E tem documentos que provem o que diz?

ROSA

Sim senhor, trago comigo a certidão do vigário que nos casou, assinada pelas testemunhas, e pedi logo duas, por causa das dúvidas. Podia perder uma...

CARLOS

Continue.

ROSA

Vivi dois anos com meu marido muito bem. Passado esse tempo, morreu minha mãe. O Sr. Ambrósio tomou conta de nossos bens, vendeu-os e partiu para Montevideú a fim de empregar o dinheiro em um negócio, no qual, segundo dizia, havíamos de ganhar muito. Vai isto para seis anos, mas desde então, Reverendíssimo Senhor, não soube mais notícias dele.

CARLOS

Oh!

ROSA

Escrevi-lhe sempre, mas nada de receber resposta. Muito chorei, porque pensei que ele havia morrido.

CARLOS

A história vai interessando-me, continue.

ROSA

Eu já estava desenganada, quando um sujeito que foi aqui do Rio, disse-me que meu marido ainda vivia e que habitava na Corte.

CARLOS

E nada mais lhe disse?

ROSA

Vossa Reverendíssima vai espantar-se do que eu disser...

CARLOS

Não me espanto, diga.

ROSA

O sujeito acrescentou que meu marido tinha-se casado com outra mulher.

CARLOS

Ah, disse-lhe isso?

ROSA

E muito chorei eu, Reverendíssimo; mas depois pensei que era impossível, pois um homem pode lá casar-se tendo a mulher viva? Não é verdade, Reverendíssimo?

CARLOS

A bigamia é um grande crime; o Código é muito claro.

ROSA

Mas na dúvida, tirei as certidões do meu casamento, parti para o Rio, e assim que desembarquei, indaguei onde ele morava. Ensinaram-me e venho eu mesma perguntar-lhe que histórias são essas de casamentos.

CARLOS

Pobre mulher, Deus se compadeça de ti!

ROSA

Então é verdade?

CARLOS

Filha, a resignação é uma grande virtude. Quer fiar-se em mim, seguir meus conselhos?

ROSA

Sim senhor, mas que tenho eu a temer? Meu marido está com efeito casado?

CARLOS

Dê-me cá uma das certidões.

ROSA

Mas...

CARLOS

Fia-se ou não em mim?

ROSA

Aqui está. (*Dá-lhe uma das certidões*)

AMBRÓSIO (*dentro*)

Desçam, desçam, que passam as horas.

CARLOS

Aí vem ele.

ROSA

Meus Deus!

CARLOS

Tomo-a debaixo da minha proteção. Venha cá; entre neste quarto.

ROSA

Mas Reverendíssimo...

CARLOS

Entre, entre, senão abandono-a.

*(Rosa entra no quarto à esquerda e Carlos cerra a porta)*

### CENA XI

CARLOS *(só)*

Que ventura, ou antes, que patifaria! Que tal? Casado com duas mulheres! Oh, mas o Código é muito claro... Agora verás como se rouba e se obriga a ser frade.

### CENA XII

*Entra Ambrósio de casaca, seguido de Florência e Emília, ambas de véu de renda preta sobre a cabeça.*

AMBRÓSIO *(entrando)*

Andem, andem! Irra, essas mulheres a vestirem-se fazem perder a paciência!

FLORÊNCIA *(entrando)*

Estamos prontas.

AMBRÓSIO *(vendo Carlos)*

Oh, que fazes aqui?

CARLOS *(princípio a passear pela sala de um para outro lado)*

Não vê? Estou passeando; divirto-me.

AMBRÓSIO

Como é lá isso?

CARLOS (*do mesmo modo*)  
Não é da sua conta.

FLORÊNCIA  
Carlos, que modos são esses?

CARLOS  
Que modos são? São os meus.

EMÍLIA (*à parte*)  
Ele se perde!

FLORÊNCIA  
Estás doido?

CARLOS  
Doido estava alguém quando... Não me faça falar...

FLORÊNCIA  
Hem?

AMBRÓSIO  
Deixe-o comigo. (*Para Carlos*) Por que saíste do convento?

CARLOS  
Porque quis. Então não tenho vontade?

AMBRÓSIO  
Isso veremos. Já para o convento!

CARLOS (*rindo-se com força*)  
Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO  
Ri-se?

FLORENCIA (*ao mesmo tempo*)  
Carlos!

EMÍLIA  
Primo!

CARLOS  
Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO (*enfurecido*)  
Ainda uma vez, obedece-me, ou...

CARLOS  
Que cara! Ah, ah!

(*Ambrósia corre para cima de Carlos*)

FLORENCIA (*metendo-se no meio*)  
Ambrosinho!

AMBRÓSIO  
Deixe-me ensinar a este malcriado...

CARLOS  
Largue-o, tia, não tenha medo.

EMÍLIA  
Carlos!

FLORENCIA  
Sobrinho, o que é isso?

CARLOS  
Está bom, não se amofinem tanto, voltarei para o convento.

AMBRÓSIO



Ah, já?

CARLOS

Já, sim senhor, quero mostrar a minha obediência.

AMBRÓSIO

E que não fosse...

CARLOS

Incorreria no seu desagrado? Forte desgraça!...

FLORÊNCIA

Principias?

CARLOS

Não senhora, quero dar uma prova de submissão ao senhor meu tio... É, meu tio, é... Casado com minha tia segunda vez... Quero dizer, minha tia é que se casou segunda vez.

AMBRÓSIO (*assustando-se, à parte*)

O que diz ele?

CARLOS (*que o observa*)

Não há dúvida...

FLORÊNCIA (*para Emília*)

O que tem hoje este rapaz?

CARLOS

Não é assim, senhor meu tio? Venha cá, faça-me o favor, senhor meu tio. (*Travando-lhe do braço*)

AMBRÓSIO

Tira as mãos.

CARLOS

Ora, faça-me o favor, senhor meu tio, quero-lhe mostrar uma coisa; depois farei o que quiser. (*Levando-o para a porta do quarto*)

FLORÊNCIA  
O que é isto?

AMBRÓSIO  
Deixa-me!

CARLOS  
Um instante. (*Retendo Ambrósio com uma mão, com a outra empurra a porta e aponta para dentro, dizendo*) Vê!

AMBRÓSIO (*afirmando a vista*)  
Oh! (*Volta para junto de Florência e de Emília, e as toma convulsivo pelo braço*) Vamos, vamos, são horas!

FLORÊNCIA  
O que é?

AMBRÓSIO (*forcejando por sair e levá-las consigo*)  
Vamos, vamos!

FLORÊNCIA  
Sem chapéu?

AMBRÓSIO  
Vamos, vamos! (*Sai, levando-as*)

CARLOS  
Então, senhor meu tio? Já não quer que eu vá para o convento? (*Depois que ele sai*) Senhor meu tio, senhor meu tio? (*Vai à porta, gritando*)

### CENA XIII

*Carlos, só, e depois Rosa.*

CARLOS (*rindo-se*)

Ah, ah, ah, agora veremos, e me pagarás... E minha tia também há de pagá-lo, para não se casar na sua idade e ser tão assanhada. E o menino, que não se contentava com uma!...

ROSA (*entrando*)

Então, Reverendíssimo?

CARLOS

Então?

ROSA

Eu vi meu marido um instante e fugiu. Ouvi vozes de mulheres...

CARLOS

Ah, ouviu? Muito estimo. E sabe de quem eram essas vozes?

ROSA

Eu tremo de adivinhar...

CARLOS

Pois adivinhe logo de uma assentada... Eram da mulher de seu marido.

ROSA

É então verdade? Pérfido, traidor! Ah, desgraçada!

*(Vai a cair desmaiada e Carlos a sustém nos braços)*

CARLOS

Desmaiada! Sra. Dona Rosa? Fi-la bonita! Esta é mesmo de frade... Senhora, torne a si, deixe desses faniquitos! Olhe que aqui não há quem a socorra. Nada! E esta? Ó Juquinha? Juquinha? (*Juca entra, trazendo em uma mão um assobio de palha e tocando em outro*) Deixa esses assobios sobre a mesa e vai lá dentro buscar alguma coisa para esta moça cheirar.

JUCA

Mas o quê, primo?

CARLOS

A primeira coisa que encontrares. (*Juca larga os assobios na mesa e sai correndo*) Isto está muito bonito! Um frade com uma moça desmaiada nos braços. Valha-me Santo Antônio! O que diriam, se assim me vissem? (*Gritando-lhe ao ouvido*) Olá! — Nada.

JUCA (*entra montado a cavalo em um arco de pipa, trazendo um galheteiro*)

Vim a cavalo para chegar mais depressa. Está o que achei.

CARLOS

Um galheteiro, menino?

JUCA

Não achei mais nada.

CARLOS

Está bom, dá cá o vinagre. (*Toma o vinagre e o chega ao nariz de Rosa*) Não serve; está na mesma. Toma... Vejamos se o azeite faz mais efeito. Isto parece-me salada... Azeite e vinagre. Ainda está mal temperada; venha a pimenta da Índia. Agora creio que não falta nada. Pior é essa; a salada ainda não está boa! Ai, que não tem sal. Bravo, está temperada! Venha mais sal... Agora sim.

ROSA (*tornando a si*)

Onde estou eu?

CARLOS

Nos meus braços.

ROSA (*afastando-se*)

Ah, Reverendíssimo!

CARLOS

Não se assuste. (*Para Juca*) Vai para dentro. (*Juca sai*)

ROSA

Agora me recordo... Pérfido, ingrato!

CARLOS

Não torne a desmaiar, que já não posso.

ROSA

Assim enganar-me! Não há leis, não há justiça?...

CARLOS

Há tudo isso, e de sobra. O que não há é quem as execute.

(*Rumor na rua*)

ROSA (*assustando-se*)

Ah!

CARLOS

O que será isto? (*Vai à janela*) Ah, com São Pedro! (*À parte*) O mestre de noviços seguido de meirinhos que me procuram... Não escapo...

ROSA

O que é, Reverendíssimo? De que se assusta?

CARLOS

Não é nada. (*À parte*) Estou arranjado! (*Chega à janela*) Estão indagando na vizinhança... O que farei?

ROSA

Mas o que é? O quê?

CARLOS (*batendo na testa*)

Oh, só assim... (*Para Rosa*) Sabe o que é isto?

ROSA  
Diga.

CARLOS  
É um poder de soldados e meirinhos que vem prendê-la por ordem de seu marido.

ROSA  
Jesus! Salve-me, salve-me!

CARLOS  
Hei de salvá-la; mas faça o que eu lhe disser.

ROSA  
Estou pronta.

CARLOS  
Os meirinhos entrarão aqui e hão de levar por força alguma coisa — esse é o seu costume. O que é preciso é enganá-los.

ROSA  
E como?

CARLOS  
Vestindo a senhora o meu hábito, e eu o seu vestido.

ROSA  
Oh!

CARLOS  
Levar-me-ão preso; terá a senhora tempo de fugir.

ROSA  
Mas...

CARLOS

Ta, ta, ta... Ande, deixe-me fazer uma obra de caridade; para isso é que somos frades. Entre para este quarto, dispa lá o seu vestido e mande-me, assim como a touca e xale. Ó Juca? Juca? (*Empurrando Rosa*) Não se demore. (*Entra Juca*) Juca, acompanha esta senhora e faz o que ela te mandar. Ande, senhora, com mil diabos!

(*Rosa entra no quarto à esquerda, empurrada por Carlos*)

## CENA XIV

CARLOS (*só*)

Bravo, esta é de mestre! (*Chegando à janela*) Lá estão eles conversando com o vizinho do armarinho. Não tardarão a dar com o rato na ratoeira, mas o rato é esperto e os logrará. Então, vem o vestido?

ROSA (*dentro*)

Já vai.

CARLOS

Depressa! O que me vale é ser o mestre de noviços catacego e trazer óculos. Cairá na esparrela. (*Gritando*) Vem ou não?

JUCA (*traz o vestido, touca e o xale*)

Está.

CARLOS

Bom. (*Despe o hábito*) Ora vá, senhor hábito. Bem se diz que o hábito não faz o monge. (*Dá o hábito e o chapéu a Juca*) Toma, leva à moça. (*Juca sai*) Agora é que são elas... Isto é mangas? Diabo, por onde se enfia esta geringonça? Creio que é por aqui... Bravo, acertei. Belíssimo! Agora a touca. (*Põe a touca*) Vamos ao xale... Estou guapo; creio que farei a minha parte de mulher excelentemente. (*Batem na porta*) São eles. (*Com voz de mulher*) Quem bate?

MESTRE (*dentro*)

Um servo de Deus.

CARLOS (*com a mesma voz*)  
Pode entrar quem é.

## CENA XV

*Carlos, Mestre de Noviços e três meirinhos.*

MESTRE  
Deus esteja nesta casa.

CARLOS  
Humilde serva de Vossa Reverendíssima...

MESTRE  
Minha senhora, terá a bondade de perdoar-me pelo incômodo que lhe damos, mas nosso dever...

CARLOS  
Incômodos, Reverendíssimo Senhor?

MESTRE  
Vossa Senhoria há de permitir que lhe pergunte se o noviço Carlos, que fugiu do convento...

CARLOS  
Psiu, caluda!

MESTRE  
Hem?

CARLOS  
Está ali...

MESTRE  
Quem?



CARLOS  
O noviço...

MESTRE  
Ah!

CARLOS  
É preciso surpreendê-lo...

MESTRE  
Estes senhores oficiais de justiça nos ajudarão.

CARLOS  
Muito cuidado. Este meu sobrinho dá-me um trabalho...

MESTRE  
Ah, a senhora é sua tia?

CARLOS  
Uma sua criada.

MESTRE  
Tenho muita satisfação.

CARLOS  
Não percamos tempo. Fiquem os senhores aqui do lado da porta, muito calados; eu chamarei o sobrinho. Assim que ele sair, não lhe deem tempo de fugir; lancem-se de improviso sobre ele e levem-no à força.

MESTRE  
Muito bem.

CARLOS  
Diga ele o que disser, grite como gritar, não façam caso, arrastem-no.

MESTRE

Vamos a isso.

CARLOS

Fiquem aqui. (*Coloca-os junto à porta da esquerda*) Atenção. (*Chamando para dentro*) Psiu! Psiu! Saia cá para fora, devagarinho!

(*Prevenção*)

## CENA XVI

*Os mesmos e Rosa vestida de frade e chapéu na cabeça.*

ROSA (*entrando*)

Já se foram?

(*Assim que ela aparece, o Mestre e os meirinhos se lançam sobre ela e procuram carregar até fora*)

MESTRE

Está preso. Há de ir. É inútil resistir. Assim não se foge... (*Etc., etc.*)

ROSA (*lutando sempre*)

Ai, ai, acudam-me! Deixem-me! Quem me socorre? (*Etc.*)

CARLOS

Levem-no, levem-no.

(*Algazarra de vozes; todos falam ao mesmo tempo, etc. Carlos, para aumentar o ruído, toma um assobio que está sobre a mesa e toca. Juca também entra nessa ocasião, etc. Execução*)

## ATO II

*A mesma sala do primeiro ato.*

## CENA I

*Carlos, ainda vestido de mulher, está sentado, e Juca à janela.*

CARLOS

Juca, toma sentido; assim que avistares teu padraço lá no fim da rua, avisa-me.

JUCA

Sim, primo.

CARLOS

No que dará tudo isto? Qual será a sorte de minha tia? Que lição! Desanda tudo em muita pancadaria. E a outra, que foi para o convento?... Ah, ah, ah, agora é que me lembro dessa! Que confusão entre os frades, quando ela se der a conhecer! *(Levantando-se)* Ah, ah, ah, parece-me que estou vendo o D. Abade horrorizado, o Mestre de Noviços limpando os óculos de boca aberta, Frei Maurício, o folgazão, a rir-se às gargalhadas, Frei Sinfrônio, o austero, levantando os olhos para o céu abismado, e os noviços todos fazendo roda, coçando o cachaço. Ah, que festa perco eu! Enquanto eu lá estive ninguém lembrou-se de dar-me semelhante divertimento. Estúpidos! Mas, o fim de tudo isto? O fim?...

JUCA *(da janela)*

Primo, aí vem ele!

CARLOS

Já? *(Chega à janela)* É verdade. E com que pressa! *(Para Juca)* Vai tu para dentro. *(Juca sai)* E eu ainda deste modo, com este vestido... Se eu sei o que hei de fazer?... Sobe a escada... Dê no que der... *(Entra no quarto onde esteve Rosa)*

## CENA II

*Entra Ambrósio; mostra no semblante alguma agitação.*

AMBRÓSIO

Lá as deixei no Carmo, entretidas com o ofício, não darão falta de mim. É preciso, e quanto antes, que eu fale com esta mulher. É ela, não há dúvida... — Mas como soube que eu aqui estava? Quem lhe disse? Quem a trouxe? Foi o diabo, para a minha perdição. Em um momento pode tudo mudar; não se perca tempo. (*Chega à porta do quarto*) Senhora, queira ter a bondade de sair cá para fora.

### CENA III

*Entra Carlos, cobrindo o rosto com um lenço. Ambrósio encaminha-se para o meio da sala, sem olhar para ele, e assim lhe fala.*

AMBRÓSIO

Senhora, muito bem conheço as vossas intenções; porém, previno-vos que muito vos enganásteis.

CARLOS (*suspirando*)

Ai, ai!

AMBRÓSIO

Há seis anos que vos deixei; tive para isso motivos muito poderosos...

CARLOS (*à parte*)

Que tratante!

AMBRÓSIO

E o meu silêncio depois desse tempo, devia ter-vos feito conhecer que nada mais existe de comum entre nós.

CARLOS (*fingindo que chora*)

Hi, hi, hi...

AMBRÓSIO

O pranto não me comove. Jamais podemos viver juntos... Fomos casados, é verdade, mas que importa?

CARLOS (*no mesmo*)

Hi, hi, hi...

AMBRÓSIO

Estou resolvido a viver separado de vós.

CARLOS (*à parte*)

E eu também...

AMBRÓSIO

E para esse fim, empreguei todos os meios, todos, entendeis-me? (*Carlos cai de joelhos aos pés de Ambrósio, e agarra-se às pernas dele, chorando*) Não valem súplicas. Hoje mesmo deixareis esta cidade; senão, serei capaz de um grande crime. O sangue não me aterra, e ai de quem me resiste! Levantai-vos e parti. (*Carlos puxa as pernas de Ambrósio, dá com ele no chão e levanta-se, rindo-se*) Ai!

CARLOS

Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO (*levanta-se muito devagar, olhando muito admirado para Carlos, que se ri*)

Carlos! Carlos!

CARLOS

Senhor meu tio! Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO

Mas então o que é isto?

CARLOS

Ah, ah, ah!

AMBRÓSIO

Como te achas aqui assim vestido?

CARLOS

Este vestido, senhor meu tio... Ah, ah!

AMBRÓSIO

Maroto!

CARLOS

Tenha-se lá! Olhe que eu chamo por ela.

AMBRÓSIO

Ela quem, brejeiro?

CARLOS

Sua primeira mulher.

AMBRÓSIO

Minha primeira mulher? É falso.

CARLOS

É falso?

AMBRÓSIO

É.

CARLOS

E será também falsa esta certidão do vigário da freguesia de... (*Olhando para a certidão*) Maranguape, no Ceará, em que se prova que o senhor meu tio recebeu-se... (*Lendo*) em santo matrimônio, à face da Igreja, com Dona Rosa Escolástica, filha de Antônio Lemos, etc., etc.? Sendo testemunhas, etc.

AMBRÓSIO

Dá-me esse papel!

CARLOS

Devagar...

AMBRÓSIO

Dá-me esse papel!

CARLOS

Ah, o senhor meu tio encrespa-se. Olhe que a tia não está em casa, e eu sou capaz de lhe fazer o mesmo que fiz ao Dom Abade.

AMBRÓSIO

Aonde está ela?

CARLOS

Em lugar que aparecerá quando eu ordenar.

AMBRÓSIO

Ainda está naquele quarto; não teve tempo de sair.

CARLOS

Pois vá ver.

*(Ambrósio sai apressado)*

#### CENA IV

CARLOS *(só)*

Procure bem. Deixa estar, meu espertalhão, que agora te hei de eu apertar a corda na garganta. Estais em meu poder; queres roubar-nos... *(Gritando)* Procure bem; talvez esteja dentro das gavetinhas do espelho. Então? Não acha?

#### CENA V

*O mesmo e Ambrósio.*

AMBRÓSIO *(entrando)*

Estou perdido!

CARLOS

Não achou?

AMBRÓSIO

O que será de mim?

CARLOS

Talvez se escondesse em algum burquinho de rato.

AMBRÓSIO (*caindo sentado*)

Estou perdido, perdido! Em um momento tudo se transtornou.  
Perdido para sempre!

CARLOS

Ainda não, porque eu posso salvá-lo.

AMBRÓSIO

Tu?

CARLOS

Eu, sim.

AMBRÓSIO

Carlinho!

CARLOS

Já?

AMBRÓSIO

Carlinho!

CARLOS

Ora vejam como está terno!

AMBRÓSIO

Por tua vida, salvai-me!



CARLOS

Eu salvarei, mas debaixo de certas condições...

AMBRÓSIO

E quais são elas?

CARLOS

Nem eu nem o primo Juca queremos ser frades...

AMBRÓSIO

Não serão.

CARLOS

Quero casar-me com minha prima...

AMBRÓSIO

Casarás.

CARLOS

Quero a minha legítima...

AMBRÓSIO

Terás a tua legítima.

CARLOS

Muito bem.

AMBRÓSIO

E tu me prometes que nada dirás à tua tia do que sabes?

CARLOS

Quanto a isso pode estar certo. (*À parte*) Veremos...

AMBRÓSIO

Agora dize-me, onde ela está?

CARLOS

Não posso, o segredo não é meu.

AMBRÓSIO

Mas dá-me a tua palavra de honra que ela saiu desta casa?

CARLOS

Já saiu, palavra de mulher honrada.

AMBRÓSIO

E que nunca mais voltará?

CARLOS

Nunca mais. (*À parte*) Isto é, se quiserem ficar com ela lá no convento, em meu lugar.

AMBRÓSIO

Agora dá-me esse papel.

CARLOS

Espere lá; o negócio não vai assim. Primeiro hão de cumprir-se as condições.

AMBRÓSIO

Carlinho, dá-me esse papel!

CARLOS

Não pode ser.

AMBRÓSIO

Dá-mo, por quem és!

CARLOS

Pior é a seca.

AMBRÓSIO

Eis-me a teus pés.

*(Ajoelha-se; nesse mesmo tempo aparece à porta. Florência e Emília, as quais caminham para ele pé ante pé)*

CARLOS

Isso é teima, levante-se.

AMBRÓSIO

Não me levantarei enquanto não mo deres. Para que o queres tu? Farei tudo quanto quiseres, nada me custará, parar servir-te. Minha mulher fará tudo quanto ordenares; dispõe dela.

FLORÊNCIA

A senhora pode dispor de mim, pois não...

AMBRÓSIO

Ah! *(Levanta-se espavorido)*

CARLOS *(à parte)*

Temo-la!...

FLORÊNCIA *(para Ambrósio)*

Que patifaria é essa? Em minha casa e às minhas barbas, aos pés de uma mulher! Muito bem!

AMBRÓSIO

Florência!

FLORÊNCIA

Um dardo que te parta! *(Voltando-se para Carlos)* E quem é a senhora?

CARLOS *(com a cara baixa)*

Sou uma desgraçada!

FLORÊNCIA

Ah, é uma desgraçada... Seduzindo um homem casado! Não sabe que... *(Carlos que encara com ela, que rapidamente tem suspenso a*

*palavra e, como assombrada, principia a olhar para ele, que ri-se)* Carlos!  
Meu sobrinho!

EMÍLIA  
O primo!

CARLOS  
Sim, tiazinha; sim, priminha.

FLORÊNCIA  
Que mascarada é essa?

CARLOS  
É uma comédia que ensaiávamos para sábado de Aleluia.

FLORÊNCIA  
Uma comédia?

AMBRÓSIO  
Sim, era uma comédia, um divertimento, uma surpresa. Eu e o sobrinho arranjávamos isso... Bagatela, não é assim, Carlinho? Mas então vocês não ouviram o ofício até o fim? Quem pregou?

FLORÊNCIA (*à parte*)  
Isto não é natural... Aqui há coisa.

AMBRÓSIO  
A nossa comédia era mesmo sobre isso.

FLORÊNCIA  
O que está o senhor a dizer?

CARLOS (*à parte*)  
Perdeu a cabeça. (*Para Florência*) Tia, basta que saiba que era uma comédia. E antes de principiar o ensaio o tio deu-me a sua palavra que eu não seria frade. Não é verdade, tio?

AMBRÓSIO

É verdade. O rapaz não tem inclinação, e para que obrigá-lo?... Seria crueldade.

FLORÊNCIA

Ah!

CARLOS

E que a prima não seria também freira, e que se casaria comigo.

FLORÊNCIA

É verdade, Sr. Ambrósio?

AMBRÓSIO

Sim, para que constranger estas duas almas? Nasceram um para o outro; amam-se. É tão bonito ver um tão lindo par!

FLORÊNCIA

Mas, Sr. Ambrósio, e o mundo, que o senhor dizia que era um pélagos, um sorvedouro e não sei o que mais?

AMBRÓSIO

Oh, então eu não sabia que estes dois pombinhos se amavam, mas agora que o sei, seria horrível barbaridade. Quando se fecham as portas de um convento sobre um homem, ou sobre uma mulher que leva dentro do peito uma paixão como ressentem estes dois inocentes, torna-se o convento abismo incomensurável de acerbos males, fonte perene de horríssimas desgraças, perdição do corpo e da alma; e o mundo, se neles ficassem, jardim ameno, suave encanto da vida, tranquila paz da inocência, paraíso terrestre. E assim sendo, mulher, quererias tu que sacrificasse tua filha e teu sobrinho?

FLORÊNCIA

Oh, não, não.

CARLOS (*à parte*) Que grande patife!

AMBRÓSIO

Tua filha, que faz parte de ti?

FLORÊNCIA

Não falemos mais nisso. O que fizeste está muito bem feito.

CARLOS

E em reconhecimento de tanta bondade, faço cessão de metade dos meus bens em favor do senhor meu tio e aqui lhe dou a escritura.

*(Dá-lhe a certidão de Rosa)*

AMBRÓSIO *(saltando para tomar a certidão)*

Caro sobrinho! *(Abraça-o)* E eu, para mostrar o meu desinteresse, rasgo esta escritura. *(Rasga, e à parte)* Respiro!

FLORÊNCIA

Homem generoso! *(Abraça-o)*

AMBRÓSIO *(abraçando-a e à parte)*

Mulher toleirona!

CARLOS *(abraçando Emília)*

Isto vai de roda...

EMÍLIA

Primo!

CARLOS

Priminha, seremos felizes!

FLORÊNCIA

Abençoada seja a hora em que eu te escolhi para meu esposo! Meus caros filhos, aprendei comigo a guiar-vos com prudência na vida. Dois anos estive viúva e não me faltaram pretendentes. Viúva rica... Ah, são vinte cães a um osso. Mas eu tive juízo e critério; soube distinguir o amante interesseiro do amante sincero. Meu coração falou por este homem honrado e probo.

CARLOS

Acertadíssima escolha!

FLORENCIA

Chega-te para cá, Ambrosinho, não te envergonhes; mereces os elogios que te faço.

AMBRÓSIO (*à parte*)

Estou em brasas...

CARLOS

Não se envergonhe, tio. Os elogios são merecidos. (*À parte*) Está em talas...

FLORENCIA

Ouves o que diz o sobrinho? Tens modéstia? É mais uma qualidade. Como sou feliz!

AMBRÓSIO

Acabemos com isso. Os elogios assim à queima-roupa perturbam-me.

FLORENCIA

Se os mereces...

AMBRÓSIO

Embora.

CARLOS

Oh, o tio os merece, pois não. Olhe, tia, aposto eu que o tio Ambrósio em toda a sua vida só tem amado a tia...

AMBRÓSIO

Decerto! (*À parte*) Quer fazer-me alguma.

FLORENCIA

Ai, vida da minha alma!

AMBRÓSIO (*à parte*)

O patife é muito capaz...

CARLOS

Mas nós, os homens, somos tão falsos — assim dizem as mulheres —, que não admira que o tio...

AMBRÓSIO (*interrompendo-o*)

Carlos, tratemos da promessa que te fiz.

CARLOS

É verdade; tratemos da promessa. (*À parte*) Tem medo, que se pela!

AMBRÓSIO

Irei hoje mesmo ao convento falar ao D. Abade, e dir-lhe-ei que temos mudado de resolução a teu respeito. E de hoje a quinze dias, senhora, espero ver esta sala brilhantemente iluminada e cheia de alegres convidados para celebrarem o casamento de nosso sobrinho Carlos com minha cara enteada.

*(Aqui entra pelo fundo o Mestre dos noviços, seguido dos meirinhos e permanentes, encaminhando-se para a frente do teatro)*

CARLOS

Enquanto assim praticardes, tereis em mim um amigo.

EMÍLIA

Senhor, ainda que não possa explicar a razão de tão súbita mudança, aceito a felicidade que me propondes, sem raciocinar. Darei a minha mão a Carlos, não só para obedecer a minha mãe, como porque muito o amo.

CARLOS

Cara priminha, quem será capaz agora de arrancar-me de teus braços?



MESTRE (*batendo-lhe no ombro*)  
Estais preso.

(*Espanto dos que estão em cena*)

## CENA VI

CARLOS  
O que é lá isso? (*Debatendo-se logo que o agarram*)

MESTRE  
Levai-o.

CARLOS  
Deixem-me!

FLORÊNCIA  
Reverendíssimo, meu sobrinho...

MESTRE  
Paciência, senhora. Levem-no.

CARLOS (*debatendo-se*)  
Larguem-me, com todos os diabos!

EMÍLIA  
Primo!

MESTRE  
Arrastem-no.

AMBRÓSIO  
Mas, senhor...

MESTRE

Um instante... Para o convento, para o convento.

CARLOS

Minha tia, tio Ambrósio!

*(Sai arrastado. Emília cai sentada em uma cadeira; o Padre-Mestre fica em cena)*

## CENA VII

*Ambrósio, Mestre de Noviços, Florência e Emília.*

FLORÊNCIA

Mas senhor, isto é uma violência!

MESTRE

Paciência...

FLORÊNCIA

Paciência, paciência? Creio que tenho tido bastante. Ver assim arrastar meu sobrinho, como se fosse um criminoso?

AMBRÓSIO

Espera, Florência, ouçamos o Reverendíssimo. Foi, sem dúvida, por ordem do Sr. Dom Abade que Vossa Reverendíssima veio prender nosso sobrinho?

MESTRE

Não tomara sobre mim tal trabalho, se não fora por expressa ordem do Dom Abade, a quem devemos todos obediência. Vá ouvindo como esse moço zombou de seu mestre. Disse-me a tal senhora, pois tal a supunha eu... Ora, fácil foi enganar-me... Além de ter má vista, tenho muito pouca prática de senhoras...

AMBRÓSIO

Sabemos disso.

MESTRE

Disse-me a tal senhora que o noviço Carlos estava naquele quarto.

AMBRÓSIO

Naquele quarto?

MESTRE

Sim senhor, e ali mandou-nos esperar em silêncio. Chamou pelo noviço, e assim que ele saiu lançamo-nos sobre ele e à força o arrastamos para o convento.

AMBRÓSIO (*assustado*)

Mas a quem, senhor, a quem?

MESTRE

A quem?

FLORÊNCIA

Que trapalhada é essa?

AMBRÓSIO

Depressa!

MESTRE

Cheguei ao convento, apresentei-me diante do D. Abade, com o noviço prisioneiro, e então... Ah!

AMBRÓSIO

Por Deus, mais depressa!

MESTRE

Ainda me coro de vergonha. Então conheci que tinha sido vilmente enganado.

AMBRÓSIO

Mas quem era o noviço preso?

MESTRE

Uma mulher vestida de frade.

FLORÊNCIA

Uma mulher?

AMBRÓSIO (*à parte*)

É ela!

MESTRE

Que vergonha, que escândalo!

AMBRÓSIO

Mas onde está essa mulher? Para onde foi? O que disse? Onde está? Responda!

MESTRE

Tende paciência. Pintar-vos a confusão em que por alguns instantes estive o convento, é quase impossível. O Dom Abade, ao conhecer que o noviço preso era uma mulher, pelos longos cabelos que ao tirar o chapéu lhe caíram sobre os ombros, deu um grito de horror. Toda a comunidade correu e grande foi então a confusão. Um gritava: Sacrilégio! Profanação! Outro ria-se; este interrogava; aquele respondia ao acaso... Em menos de dois segundos a notícia percorreu todo o convento, mas alterada e aumentada. No refeitório dizia-se que o diabo estava no coro, dentro dos canudos do órgão; na cozinha julgava-se que o fogo lavrava nos quatro ângulos do edifício; qual, pensava que Dom Abade tinha caído da torre abaixo; qual, que fora arrebatado para o céu. Os sineiros, correndo para as torres, puxavam como energúmenos pelas cordas dos sinos; os porteiros fecharam as portas com horrível estrondo: os resposos soaram de todos os lados, e a algazarra dos noviços dominava esse ruído infernal, causado por uma única mulher. Oh, mulheres!

AMBRÓSIO

Vossa Reverendíssima faz o seu dever; estou disso bem certo.

FLORÊNCIA

Mas julgamos necessário declarar a Vossa Reverendíssima que estamos resolvidos a tirar nosso sobrinho do convento.

MESTRE

Nada tenho eu com essa resolução. Vossa senhoria entender-se-á a esse respeito com o Dom Abade.

FLORÊNCIA

O rapaz não tem inclinação nenhuma para frade.

AMBRÓSIO

E seria uma crueldade violentar-lhe o gênio.

MESTRE

O dia em que o Sr. Carlos sair do convento será para mim dia de descanso. Há doze anos que sou mestre de noviços e ainda não tive para doutrinar rapaz mais endiabrado. Não se passa um só dia em que se não tenha de lamentar alguma travessura desse moço. Os noviços, seus companheiros, os irmãos leigos e os domésticos do convento temem-no como se teme a um touro bravo. Com todos moteja e a todos espanca.

FLORÊNCIA

Foi sempre assim, desde pequeno.

MESTRE

E se o conheciam, senhores, para que o obrigaram a entrar no convento, a seguir uma vida em que se requer tranquilidade de gênio?

FLORÊNCIA

Oh, não foi por meu gosto; meu marido é que persuadiu-me.

AMBRÓSIO (*com hipocrisia*)

Julguei assim fazer um serviço agradável a Deus.

MESTRE

Deus, senhores, não se compraz com sacrifícios alheios. Sirva-o cada um com seu corpo e alma, porque cada um responderá pelas suas obras.

AMBRÓSIO (*com hipocrisia*)

Pequei, Reverendíssimo, pequei; humilde peço perdão.

MESTRE

Esse moço foi violentamente constrangido e o resultado é a confusão em que está a casa de Deus.

FLORÊNCIA

Mil perdões, Reverendíssimo, pelo incômodo que lhe temos dado.

MESTRE

Incômodos? Para eles nascemos nós... passam despercebidos, e demais, ficam de muros para dentro. Mas hoje houve escândalo, e escândalo público.

AMBRÓSIO

Escândalo público?

FLORÊNCIA

Como assim?

MESTRE

O noviço Carlos, depois de uma contenda com o Dom Abade, deu-lhe uma cabeçada e o lançou por terra.

FLORÊNCIA

Jesus, Maria, José!

AMBRÓSIO

Que sacrilégio!

MESTRE

E fugiu ao merecido castigo. Fui mandado em seu alcance...  
Requisitei força pública, e aqui chegando, encontrei uma senhora.

FLORÊNCIA

Aqui, uma senhora?

MESTRE

E que se dizia sua tia.

FLORÊNCIA

Ai!

AMBRÓSIO

Era ele mesmo.

FLORÊNCIA

Que confusão, meu Deus!

AMBRÓSIO

Mas essa mulher, essa mulher? O que é feito dela?

MESTRE

Uma hora depois, que tanto foi preciso para acalmar a agitação, o  
Dom Abade perguntou-lhe como ela ali se achava vestida com o  
hábito da Ordem.

AMBRÓSIO

E ela que disse?

MESTRE

Que tinha sido traída por um frade, que debaixo do pretexto de a  
salvar, trocara o seu vestido pelo hábito que trazia.

AMBRÓSIO

E nada mais?

MESTRE

Nada mais; e fui encarregado de prender de novo a todo o custo o noviço Carlos. E tenho cumprido a minha missão. O que ordenam a este servo de Deus?

AMBRÓSIO

Espere, Reverendíssimo, essa mulher já saiu do convento?

MESTRE

No convento não se demoram mulheres.

AMBRÓSIO

Que caminho tomou? Para onde foi? O que disse ao sair?

MESTRE

Nada sei.

AMBRÓSIO (*à parte*)

O que me espera?

FLORÊNCIA (*à parte*)

Aqui há segredo...

MESTRE

Às vossas determinações...

FLORÊNCIA

Uma serva de Vossa Reverendíssima.

MESTRE (*para Florência*)

Quanto à saída de seu sobrinho do convento, com o Dom Abade se entenderá.

FLORÊNCIA

Nós o procuraremos.



*(Mestre sai e Florência acompanha-o até à porta; Ambrósio está como abismado)*

### CENA VIII

*Emília, Ambrósio e Florência.*

EMÍLIA *(à parte)*

Carlos, Carlos, o que será de ti e de mim?

AMBRÓSIO *(à parte)*

Se ela agora aparece! Se Florência desconfia... Estou metido em boas! Como evitar, como? Oh, decididamente estou perdido. Se a pudesse encontrar... Talvez súplicas, ameaças, quem sabe? Já não tenho cabeça. Que farei? De uma hora para outra aparece-me ela... *(Florência bate-lhe no ombro)* Ei-la! *(Assustando-se)*

FLORÊNCIA

Agora nós. *(Para Emília)* Menina, vai para dentro. *(Vai-se Emília)*

### CENA IX

*Ambrósio e Florência.*

AMBRÓSIO *(à parte)*

Temos trovoada grossa...

FLORÊNCIA

Quem era a mulher que estava naquele quarto?

AMBRÓSIO

Não sei.

FLORÊNCIA

Senhor Ambrósio, quem era a mulher que estava naquele quarto?

AMBRÓSIO

Florência, já te disse, não sei. São coisas de Carlos.

FLORÊNCIA

Senhor Ambrósio, quem era a mulher que estava naquele quarto?

AMBRÓSIO

Como queres que eu to diga, Florencinha?

FLORÊNCIA

Ah, não sabe? Pois bem, então explique-me: por que razão mostrou-se tão espantado, quando Carlos o levou à porta daquele quarto e mostrou-lhe quem estava dentro?

AMBRÓSIO

Pois eu espantei-me?

FLORÊNCIA

A ponto de levar-me quase de rastos para a igreja, sem chapéu, lá deixar-me e voltar para casa apressado.

AMBRÓSIO

Qual! Foi por...

FLORÊNCIA

Não estude uma mentira, diga depressa.

AMBRÓSIO

Pois bem, direi. Eu conheço essa mulher.

FLORÊNCIA

Ah! E então quem é ela?

AMBRÓSIO

Queres saber quem é ela? É muito justo, mas aí é que está o segredo.

FLORÊNCIA

Segredos comigo?

AMBRÓSIO

Oh, contigo não pode haver segredo, és a minha mulherzinha. (*Quer abraçá-la*)

FLORENCIA

Tenha-se lá; quem era a mulher?

AMBRÓSIO (*à parte*)

Não sei o que lhe diga...

FLORENCIA

Vamos!

AMBRÓSIO

Essa mulher... Sim, essa mulher que há pouco estava naquele quarto, foi amada por mim.

FLORENCIA

Por ti?

AMBRÓSIO

Mas nota que digo: foi amada; e o que foi, já não é.

FLORENCIA

Seu nome?

AMBRÓSIO

Seu nome? Que importa o nome? O nome é uma voz com que se dão a conhecer as coisas... Nada vale; o indivíduo é tudo... Tratemos do indivíduo. (*À parte*) Não sei como continuar.

FLORENCIA

Então, e que mais?

AMBRÓSIO

Amei a essa mulher. Amei, sim, amei. Essa mulher foi por mim amada, mas então ainda não te conhecia. Oh, e quem ousará criminalar a um homem por embelezar-se de uma estrela antes de ver a lua, quem? Ela era a estrela e tu és a lua. Sim, minha Florencinha, tu és a minha lua cheia e eu sou teu satélite.

FLORENCIA

Oh, não me convence assim...

AMBRÓSIO (*à parte*)

O diabo que convença a uma mulher! (*Alto*) Florencinha, encanto da minha vida, estou diante de ti como diante do confessionário, com uma mão sobre o coração e com a outra... Onde queres que ponha a outra?

FLORENCIA

Ponha lá aonde quiser...

AMBRÓSIO

Pois bem, com ambas sobre o coração, dir-te-ei: só tu és o meu único amor, minhas delícias, minha vida... (*À parte*) e minha burra!

FLORENCIA

Se eu pudesse acreditar!...

AMBRÓSIO

Não podes porque não queres. Basta um bocado de boa vontade. Se fiquei aterrorizado ao ver essa mulher, foi por prever os desgostos que terias, se aí a visses.

FLORENCIA

Se teme que eu a veja, é porque ainda a ama.

AMBRÓSIO

Amá-la, eu? Ah, desejava que ela estivesse mais longe de mim do que o cometa que apareceu o ano passado.

FLORENÇIA

Oh, meu Deus, se eu pudesse crer!

AMBRÓSIO (*à parte*)

Está meia convencida...

FLORENÇIA

Se eu o pudesse crer!

(*Rosa entra vestida de frade, pelo fundo, para e observa*)

AMBRÓSIO (*com animação*)

Estes raios brilhantes e aveludados de teus olhos ofuscam o seu olhar acanhado e esgateado. Estes negros e finos cabelos varrem da minha ideia as suas emaranhadas das melenas cor de fogo. Esta mãozinha torneada (*pega-lhe na mão*), este colo gentil, esta cintura flexível e delicada fazem-me esquecer os grosseiros encantos dessa mulher que...

(*Nesse momento dá com os olhos em Rosa; vai recuando pouco a pouco*)

FLORENÇIA

O que tens? De que te espantas?

ROSA (*adiantando-se*)

Senhora, este homem pertence-me.

FLORENÇIA

E quem é Vossa Reverendíssima?

ROSA (*tirando o chapéu, que faz cair os cabelos*)

Sua primeira mulher.

FLORENÇIA

Sua primeira mulher?

ROSA (*dando-lhe a certidão*)

Leia. (*Para Ambrósio*) Conheceis-me, senhor? Há seis anos que nos não vemos, e quem diria que assim nos encontraríamos? Nobre foi o vosso proceder!... Oh, para que não enviastes um assassino para esgotar o sangue destas veias e arrancar a alma deste corpo? Assim devíeis ter feito, porque então eu não estaria aqui para vingar-me, traidor!

AMBRÓSIO (*à parte*)

O melhor é deitar a fugir. (*Corre para o fundo. Prevenção*)

ROSA

Não o deixem fugir!

(*Aparecem à porta meirinhos, os quais prendem Ambrósio*)

MEIRINHO

Está preso!

AMBRÓSIO

Ai!

(*Corre por toda a casa, etc. Enquanto isto se passe, Florência tem lido a certidão*)

FLORÊNCIA

Desgraçada de mim, estou traída! Quem me socorre? (*Vai para sair, encontra-se com Rosa*) Ah, para longe, para longe de mim! (*Recuando*)

ROSA

Senhora, a quem pertencerá ele?

(*Execução*)

### ATO III

*Quarto em casa de Florência: mesa, cadeiras, etc., etc., armário, uma cama grande com cortinados, uma mesa pequena com um castiçal com vela acesa. É noite.*

### CENA I

*Florência deitada, Emília sentada junto dela, Juca vestido de calça, brincando com um carrinho pela sala.*

FLORENÇIA

Meu Deus, meu Deus, que bulha faz este menino!

EMÍLIA

Maninho, estais fazendo muita bulha a mamãe...

FLORENÇIA

Minha cabeça! Vai correr lá para dentro...

EMÍLIA

Anda, vai para dentro, vai para o quintal.

*(Juca sai com o carrinho)*

FLORENÇIA

Parece que me estala a cabeça... São umas marteladas aqui nas fontes. Ai, que não posso! Morro desta!...

EMÍLIA

Minha mãe, não diga isso, seu incômodo passará.

FLORENÇIA

Passará? Morro, morro... *(Chorando)* Hi... *(Etc.)*

EMÍLIA

Minha mãe!

FLORENÇIA *(chorando)*

Ser assim traída, enganada! Meu Deus, quem pode resistir? Hi, hi!

EMÍLIA

Para que tanto se aflige? Que remédio? Ter paciência e resignação.

FLORÊNCIA

Um homem em quem havia posto toda a minha confiança, que eu tanto amava... Emília, eu o amava muito!

EMÍLIA (*à parte*)

Coitada!

FLORÊNCIA

Enganar-me deste modo! Tão indignamente, casado com outra mulher. Ah, não sei como não arrebento...

EMÍLIA

Tranquelize-se, minha mãe.

FLORÊNCIA

Que eu supunha desinteressado... Entregar-lhe todos os meus bens, assim iludir-me... Que malvado, que malvado!

EMÍLIA

São horas de tomar o remédio.

*(Toma urna garrafa de remédio, deita-o em uma xícara e dá a Florência)*

FLORÊNCIA

Como os homens são falsos! Uma mulher não era capaz de cometer ação tão indigna. O que é isso?

EMÍLIA

O cozimento que o doutor receitou.

FLORÊNCIA

Dá cá. (*Bebe*) Ora, de que servem esses remédios? Não fico boa; a ferida é no coração...



EMÍLIA

Há de curar-se.

FLORÊNCIA

Olha, filha, quando eu vi diante de mim essa mulher, senti uma revolução que te não sei explicar... um atordoamento, uma zoadada, que há oito dias me tem pregado nesta cama.

EMÍLIA

Eu estava no meu quarto, quando ouvi gritos na sala. Saí apressada e no corredor encontrei-me com meu padrasto...

FLORÊNCIA

Teu padrasto?

EMÍLIA

...que passando como uma flecha por diante de mim, dirigiu-se para o quintal, e saltando o muro, desapareceu. Corri para a sala...

FLORÊNCIA

E aí encontraste-me banhada em lágrimas. Ela já tinha saído, depois de ameaçar-me. Ah, mas eu hei de ficar boa para vingar-me!

EMÍLIA

Sim, é preciso ficar boa, para vingar-se.

FLORÊNCIA

Hei de ficar. Não vale a pena morrer por um traste daquele!

EMÍLIA

Que dúvida!

FLORÊNCIA

O meu procurador disse-me que o tratante está escondido, mas que já há mandado de prisão contra ele. Deixa estar. Enganar-me,

obrigar-me a que te fizesse freira, constranger a inclinação de Carlos...

EMÍLIA

Oh, minha mãe, tenha pena do primo... O que não terá ele sofrido, coitado!

FLORENCIA

Já esta manhã mandei falar ao Dom Abade por pessoa de consideração, e além disso, tenho uma carta que lhe quero remeter, pedindo-lhe que me faça o obséquo de aqui mandar um frade respeitável para de viva voz tratar comigo este negócio.

EMÍLIA

Sim, minha boa mãezinha.

FLORENCIA

Chama o José.

EMÍLIA (*chamando*)

José? José? E a mamãe julga que o primo poderá estar em casa hoje?

FLORENCIA

És muito impaciente... Chama o José.

EMÍLIA

José?

## CENA II

*As mesmas e José.*

JOSÉ

Minha senhora...

FLORENCIA

José, leva esta carta ao convento. Onde está o Sr. Carlos, sabes?

JOSÉ

Sei, minha senhora.

FLORÊNCIA

Procura pelo Sr. Dom Abade, e lha entrega de minha parte.

JOSÉ

Sim, minha senhora.

EMÍLIA

Depressa!

*(Sai José)*

FLORÊNCIA

Ai, ai!

EMÍLIA

Tomara vê-lo já!

FLORÊNCIA

Emília, amanhã lembra-me para pagar as soldadas que devemos ao José e despedi-lo do nosso serviço. Foi metido aqui em casa pelo tratante, e só por esse fato já desconfio dele... Lé com lé, cré com cré... Nada; pode ser algum espião que tenhamos em casa...

EMÍLIA

Ele parece-me bom moço.

FLORÊNCIA

Também o outro parecia-me bom homem. Já não me fio em aparências.

EMÍLIA

Tudo pode ser.

FLORENÇIA

Vai ver aquilo lá por dentro como anda, que minhas escravas pilhando-me de cama fazem mil diabruras.

EMÍLIA

E fica só?

FLORENÇIA

Agora estou melhor, e se precisar de alguma coisa, tocarei a campainha.

*(Sai Emília)*

### CENA III

FLORENÇIA *(só)*

Depois que mudei a cama para este quarto que foi do sobrinho Carlos, passo melhor... No meu, todos os objetos faziam-me recordar aquele pérfido. Ora, os homens são capazes de tudo, até de terem duas mulheres... E três, e quatro, e duas dúzias... Que demônios! Há oito dias que estou nesta cama; antes tivesse morrido. E ela, essa mulher infame, onde estará? E outra que tal... Oh, mas que culpa tem ela? Mais tenho eu, já que fui tão tola, tão tola, que casei-me sem indagar quem ele era. Queira Deus que este exemplo aproveite a muitas incautas! Patife, agora anda escondido... Ai, estou cansada... *(Deita-se)* Mas não escapará da cadeia... seis anos de cadeia... assim me disse o procurador. Ai, minha cabeça! Se eu pudesse dormir um pouco. Ai, ai, as mulheres neste mundo... estão sujeitas... a... muito... ah! *(Dorme)*

### CENA IV

*Carlos entra pelo fundo, apressado; traz o hábito roto e sujo.*

CARLOS

Não há grades que me prendam, nem muros que me retenham. Arrombei grades, saltei muros e eis-me aqui de novo. E lá deixei parte do hábito, esfolei os joelhos e as mãos. Estou em belo estado! Ora, para que teimam comigo? Por fim, lanço fogo ao convento e morrem todos os frades assados, e depois queixem-se. Estou no meu antigo quarto, ninguém me viu entrar. Ah, que cama é esta? É da tia... Estará... Ah, é ela... e dorme... Mudou de quarto? O que se terá passado nesta casa há oito dias? Estive preso, incomunicável, a pão e água. Ah, frades! Nada sei. O que será feito da primeira mulher do senhor meu tio, desse grande patife? Onde estará a prima? Como dorme! Ronca que é um regalo! (*Batem palmas*) Batem! Serão eles, não tem dúvida. Eu acabo por matar um frade...

MESTRE (*dentro*)

Deus esteja nesta casa.

CARLOS

É o padre-mestre! Já deram pela minha fuga...

MESTRE (*dentro*)

Dá licença?

CARLOS

Não sou eu decerto que ta hei de dar. Escondemo-nos, mas de modo que ouça o que ele... Debaixo da cama... (*Esconde-se*)

MESTRE (*dentro, batendo com força*)

Dá licença?

FLORENCIA (*acordando*)

Quem é? Quem é?

MESTRE (*dentro*)

Um servo de Deus.

FLORENCIA

Emília? Emília? (*Toca a campainha*)

**CENA V**  
*Entra Emília.*

EMÍLIA  
Minha mãe...

FLORÊNCIA  
Lá dentro estão todos surdos? Vai ver quem está na escada batendo.  
(*Emília sai pelo fundo*) Acordei sobressaltada... Estava sonhando que  
o meu primeiro marido enforcava o segundo, e era muito bem  
enforcado...

**CENA VI**  
*Entra Emília com o Padre-Mestre.*

EMÍLIA  
Minha mãe, é o Sr. Padre-Mestre. (*À parte*) Ave de agouro!

FLORÊNCIA  
Ah!

MESTRE  
Desculpe-me, minha senhora.

FLORÊNCIA  
O Padre-Mestre é que me há de desculpar se assim o recebo. (*Senta-se na cama*)

MESTRE  
Oh, esteja a seu gosto. Já por lá sabe-se dos seus incômodos. Toda a  
cidade o sabe. Tribulações deste mundo...

FLORÊNCIA  
Emília, oferece uma cadeira ao Reverendíssimo.

MESTRE

Sem incômodo. (*Senta-se*)

FLORÊNCIA

O Padre-Mestre veio falar comigo por mandado do Sr. Dom Abade?

MESTRE

Não, minha senhora.

FLORÊNCIA

Não? Pois eu lhe escrevi.

MESTRE

Aqui venho pelo mesmo motivo que já vim duas vezes.

FLORÊNCIA

Como assim?

MESTRE

Em procura do noviço Carlos. Ah, que rapaz!

FLORÊNCIA

Pois tornou a fugir?

MESTRE

Se tornou! É indomável! Foi metido no cárcere a pão e água.

EMÍLIA

Desgraçado!

MESTRE

Ah, a menina lastima-o? Já me não admira que ele faça o que faz.

FLORÊNCIA

O Padre-Mestre dizia...

MESTRE

Que estava no cárcere a pão e água, mas o endemoninhado arrombou as grades, saltou na horta, vingou o muro da cerca que deita para a rua e pôs-se a panos.

FLORÊNCIA

Que doido! E para onde foi?

MESTRE

Não sabemos, mas julgamos que para aqui se dirigiu.

FLORÊNCIA

Posso afiançar a Vossa Reverendíssima que por cá ainda não apareceu.

*(Carlos bota a cabeça de fora e puxa pelo vestido de Emília)*

EMÍLIA *(assustando-se)*

Ai!

FLORÊNCIA

O que é, menina?

MESTRE *(levantando-s)*

O que foi?

EMÍLIA *(vendo Carlos)*

Não foi nada, não senhora... Um jeito que dei no pé.

FLORÊNCIA

Tem cuidado. Assente-se, Reverendíssimo. Mas como lhe dizia, o meu sobrinho cá não apareceu; desde o dia que o Padre-Mestre o levou preso ainda o não vi. Não sou capaz de faltar à verdade.

MESTRE



Oh, nem tal suponho. E demais, vossa senhoria, como boa parenta que é, deve contribuir para a sua correção. Esse moço tem revolucionado todo o convento, e é preciso um castigo exemplar.

FLORENÇA

Tem muita razão; mas eu já mandei falar ao Sr. Dom Abade para que meu sobrinho saísse do convento.

MESTRE

E o Dom Abade está a isso resolvido. Nós todos nos temos empenhado. O Sr. Carlos faz-nos loucos... Sairá do convento; porém antes será castigado.

CARLOS

Veremos...

FLORENÇA (*para Emília*)

O que é?

EMÍLIA

Nada, não senhora.

MESTRE

Não por ele, que estou certo que não se emendará, mas para exemplo dos que lá ficam. Do contrário, todo o convento abalava.

FLORENÇA

Como estão resolvidos a despedir meu sobrinho do convento, e o castigo que lhe querem impor é tão somente exemplar, e ele precisa um pouco, dou minha palavra a Vossa Reverendíssima que assim que ele aqui aparecer, mandarei agarrá-lo e levar para o convento.

CARLOS

Isso tem mais que se lhe diga...

MESTRE (*levantando-se*)

Mil graças, minha senhora.

FLORÊNCIA

Isto mesmo terá a bondade de dizer ao Sr. Dom Abade, a cujas orações me recomendo.

MESTRE

Serei fiel cumpridor. Dá-me as suas determinações.

FLORÊNCIA

Emília, conduz o Padre-Mestre.

MESTRE (*para Emília*)

Minha menina, muito cuidado com o senhor seu primo. Não se fie nele; julgo capaz de tudo. (*Sai*)

EMÍLIA (*voltando*)

Vá encomendar defuntos!

## CENA VII

*Emília, Florência, e Carlos debaixo da cama.*

FLORÊNCIA

Então, que te parece teu primo Carlos? É a terceira fugida que faz. Isto assim não é bonito.

EMÍLIA

E para que o prendem?

FLORÊNCIA

Prendem-no porque ele foge.

EMÍLIA

E ele foge porque o prendem.

FLORÊNCIA

Belo argumento! É mesmo dessa cabeça. (*Carlos puxa pelo vestido de Emília*) Mas o que tens tu?

EMÍLIA

Nada, não senhora.

FLORENCIA

Se ele aqui aparecer hoje, há de ter paciência, irá para o convento, ainda que seja amarrado. É preciso quebrar-lhe o gênio. Estais a mexer-te?

EMÍLIA

Não senhora.

FLORENCIA

Queira Deus que ele se emende... Mas que tens tu, Emília, tão inquieta?

EMÍLIA

São cócegas na sola dos pés.

FLORENCIA

Ah, isso são câimbras. Bate com o pé, assim estais melhor.

EMÍLIA

Vai passando.

FLORENCIA

O sobrinho é estouvado, mas nunca te dará os desgostos que me deu o Ambró... — nem quero pronunciar o nome. E tu não te aquietas? Bate com o pé.

EMÍLIA (*afastando-se da cama*)

Não posso estar quieta no mesmo lugar. (*À parte*) Que louco!

FLORENCIA

Estou arrependida de ter escrito. (*Entra José*) Quem vem aí?

## CENA VIII

*Os mesmos e José.*

EMÍLIA

É o José.

FLORÊNCIA

Entregaste a carta?

JOSÉ

Sim, minha senhora, e o Sr. Dom Abade mandou comigo um reverendíssimo, que ficou na sala à espera.

FLORÊNCIA

Fá-lo entrar. (*Sai o criado*) Emília, vai para dentro. Já que um reverendíssimo teve o incômodo de cá vir, quero aproveitar a ocasião e confessar-me. Posso morrer...

EMÍLIA

Ah!

FLORÊNCIA

Anda, vai para dentro e não te assustes.

(*Sai Emília*)

## CENA IX

FLORÊNCIA (*só*)

A ingratidão daquele monstro assassinou-me. Bom é ficar tranquila com a minha consciência.

## CENA X

*Ambrósio, com hábito de frade, entra seguindo José.*

CRIADO

Aqui está a senhora.

AMBRÓSIO (*à parte*)

Retira-te e fecha a porta. (*Dá-lhe dinheiro*)

CRIADO (*à parte*)

Que lá se avenham... A paga cá está.

## CENA XI

FLORENCIA

Vossa Reverendíssima pode aproximar-se. Queira assentar-se.  
(*Senta-se*)

AMBRÓSIO (*fingindo que tosse*)

Hum, hum, hum...

(*Carlos espreita debaixo da cama*)

FLORENCIA

Escrevi para que viesse uma pessoa falar-me e Vossa Reverendíssima quis ter a bondade de vir.

AMBRÓSIO

Hum, hum, hum...

CARLOS (*à parte*)

O diabo do frade está endefluxado.

FLORENCIA

E era para tratarmos do meu sobrinho Carlos, mas já não é preciso. Aqui esteve o padre-mestre; sobre isso falamos; está tudo justo e sem dúvida Vossa Reverendíssima já está informado.

AMBRÓSIO (*o mesmo*)

Hum, hum, hum...

FLORÊNCIA

Vossa Reverendíssima está constipado; talvez o frio da noite...

AMBRÓSIO (*disfarçando a voz*)

Sim, sim...

FLORÊNCIA

Muito bem.

CARLOS (*à parte*)

Não conheci esta voz no convento...

FLORÊNCIA

Mas para que Vossa Reverendíssima não perdesse de todo o seu tempo, se quisesse ter a bondade de ouvir-me em confissão...

AMBRÓSIO

Ah! (*Vai fechar as portas*)

FLORÊNCIA

Que faz, senhor? Fecha a porta? Ninguém nos ouve.

CARLOS (*à parte*)

O frade tem más tenções...

AMBRÓSIO (*disfarçando a voz*)

Por cautela.

FLORÊNCIA

Assente-se. (*À parte*) Não gosto muito disto... (*Alto*) Reverendíssimo, antes de principiarmos a confissão, julgo necessário informar-lhe que fui casada duas vezes; a primeira, com um santo homem, e a segunda, com um demônio.

AMBRÓSIO

Hum, hum, hum...

FLORÊNCIA

Um homem sem honra e sem fé em Deus, um malvado. Casou-se comigo quando ainda tinha mulher viva! Não é verdade, Reverendíssimo, que esse homem vai direitinho para o inferno?

AMBRÓSIO

Hum, hum, hum...

FLORÊNCIA

Mas enquanto não vai para o inferno, há de pagar nesta vida. Há uma ordem de prisão contra ele e o malvado não ousa aparecer.

AMBRÓSIO (*levantando-se e tirando o capuz*)

E quem vos disse que ele não ousa aparecer?

FLORÊNCIA (*fugindo da cama*)

Ah!

CARLOS (*à parte*)

O senhor meu tio!

AMBRÓSIO

Podeis gritar, as portas estão fechadas. Preciso de dinheiro e muito dinheiro para fugir desta cidade, e dar-mo-eis, senão...

FLORÊNCIA

Deixai-me! Eu chamo por socorro!

AMBRÓSIO

Que me importa? Sou criminoso; serei punido. Pois bem, cometerei outro crime, que me pode salvar. Dar-me-eis tudo quanto possuíis: dinheiro, joias, tudo! E desgraçada de vós, se não me obedecéis! A morte!...

FLORENÇA *(corre por toda a casa, gritando)*  
Socorro, socorro! Ladrão, ladrão! Socorro! *(Escuro)*

AMBRÓSIO *(seguindo-a)*  
Silêncio, silêncio, mulher!

CARLOS  
O caso está sério!

*(Vai saindo debaixo da cama no momento que Florência atira com a mesa no chão. Ouve-se gritos fora: Abra, abra! Florência, achando-se só e no escuro, senta-se no chão, encolhe-se e cobre-se com uma colcha)*

AMBRÓSIO *(procurando)*  
Para onde foi? Nada vejo. Batem nas portas! O que farei?

CARLOS *(à parte)*  
A tia calou-se e ele aqui está.

AMBRÓSIO *(encontra-se com Carlos e agarra-lhe no hábito)*  
Ah, mulher, estais em meu poder. Estas portas não tardarão a ceder; salvai-me, ou mato-te!

CARLOS *(dando-lhe uma bofetada)*  
Tome lá, senhor meu tio!

AMBRÓSIO  
Ah! *(Cai no chão)*

CARLOS *(à parte)*  
Outra vez para a concha. *(Mete-se debaixo da cama)*

AMBRÓSIO *(levantando-se)*  
Que mão! Continuam a bater. Onde esconder-me? Que escuro!  
Deste lado vi um armário... Ei-lo! *(Mete-se dentro)*



## CENA XII

*Entram pelo fundo quatro homens armados, Jorge trazendo uma vela acesa.  
Claro.*

JORGE (*entrando*)

Vizinha, vizinha, o que é? O que foi? Não vejo ninguém... (*Dá com Florência no canto*) Quem está aqui?

FLORÊNCIA

Ai, ai!

JORGE

Vizinha, somos nós...

EMÍLIA (*dentro*)

Minha mãe, minha mãe! (*Entra*)

FLORÊNCIA

Ah, é o vizinho Jorge! E estes senhores? (*Levantando-se ajudada por Jorge*)

EMÍLIA

Minha mãe, o que foi?

FLORÊNCIA

Filha!

JORGE

Estava na porta de minha loja, quando ouvi gritar: Socorro, socorro! Conheci a voz da vizinha e acudi com estes quatro amigos.

FLORÊNCIA

Muito obrigado, vizinho; ele já se foi.

JORGE

Ele quem?

FLORÊNCIA

O ladrão.

TODOS

O ladrão!

FLORÊNCIA

Sim, um ladrão vestido de frade, que me queria roubar e assassinar.

EMÍLIA (*para Florência*)

Minha mãe!

JORGE

Mas ele não teve tempo de sair. Procuremos.

FLORÊNCIA

Espere, vizinho, deixe-me sair primeiro. Se o encontrarem, deem-lhe uma boa arrojada e levem-no preso. (*À parte*) Há de me pagar! Vamos, menina.

EMÍLIA (*para Florência*)

É Carlos, minha mãe, é o primo!

FLORÊNCIA (*para Emília*)

Qual o primo! É ele, teu padrasto.

EMÍLIA

É o primo!

FLORÊNCIA

É ele, é ele. Vem. Procurem-no bem, vizinhos, e pau nele. Anda, anda. (*Sai com Emília*)

## CENA XIII

JORGE

Amigos, cuidado! Procuremos tudo; o ladrão ainda não saiu daqui. Venham atrás de mim. Assim que ele aparecer, uma boa massada de pau, e depois pés e mãos amarradas, e guarda do Tesouro com ele... Sigam-me. Aqui não está; vejamos atrás do armário. (*Vê*) Nada. Onde se esconderia? Talvez debaixo da cama. (*Levantando o rodapé*) Oh, cá está ele! (*Dão bordoadas*)

CARLOS (*gritando*)

Ai, ai, não sou eu, não sou ladrão, ai ai!

JORGE (*dando*)

Salta para fora, ladrão, salta! (*Carlos sai para fora, gritando*) Não sou ladrão, sou de casa!

JORGE

A ele, amigos!

(*Perseguem Carlos de bordoadas por toda a cena. Por fim, mete-se atrás do armário e atira com ele no chão. Gritos: Ladrão!*)

#### CENA XIV

*Jorge só; depois Florência e Emília.*

JORGE

Eles que o sigam; eu já não posso. O diabo esfolou-me a canela com o armário. (*Batendo na porta*) Ó vizinha, vizinha?

FLORÊNCIA (*entrando*)

Então, vizinho?

JORGE

Estava escondido debaixo da cama.

EMÍLIA

Não lhe disse?

JORGE

Demos-lhe uma boa massada de pau e fugiu por aquela porta, mas os amigos foram-lhe no alcance.

FLORÊNCIA

Muito obrigada, vizinho, Deus lhe pague.

JORGE

Estimo que a vizinha não tivesse maior incômodo.

FLORÊNCIA

Obrigada. Deus lhe pague, Deus lhe pague.

JORGE

Boa noite, vizinha; mande levantar o armário que caiu.

FLORÊNCIA

Sim senhor. Boa noite.

*(Sai Jorge)*

## CENA XV

*Florência e Emília.*

FLORÊNCIA

Pagou-me!

EMÍLIA *(chorando)*

Então, minha mãe, não lhe disse que era o primo Carlos?

FLORÊNCIA

E continuas a teimar?

EMÍLIA

Se eu o vi atrás da cama!

FLORÊNCIA

Ai, pior, era teu padrasto.

EMÍLIA

Se eu o vi!

FLORÊNCIA

Se eu lhe falei!... É boa teima!

## CENA XVI

JUCA (*entrando*)

Mamãe, aquela mulher do papai quer-lhe falar.

FLORÊNCIA

O que quer essa mulher comigo, o que quer? (*Resoluta*) Diga que entre.

(*Sai Juca*)

EMÍLIA

A mamãe vai afligir-se no estado em que está?

FLORÊNCIA

Bota aqui duas cadeiras. Ela não tem culpa. (*Emília chega uma cadeira. Florência, sentando-se*) Vejamos o que quer. Chega mais esta outra cadeira para aqui. Bem, vai para dentro.

EMÍLIA

Mas, se...

FLORÊNCIA

Anda; uma menina não deve ouvir a conversa que vamos ter. Farei tudo para persegui-lo!

(*Emília sai*)

## CENA XVII

*Entra Rosa. Já vem de vestido.*

ROSA  
Dá licença?

FLORÊNCIA  
Pode entrar. Queira ter a bondade de sentar-se. (*Senta-se*)

ROSA  
Minha senhora, a nossa posição é bem extraordinária...

FLORÊNCIA  
É desagradável no último ponto.

ROSA  
Ambas casadas com o mesmo homem...

FLORÊNCIA  
E ambas com igual direito.

ROSA  
Perdoe-me, minha senhora, nossos direitos não são iguais, sendo eu a primeira mulher...

FLORÊNCIA  
Oh, não falo desse direito, não o contesto. Direito de persegui-lo quero eu dizer.

ROSA  
Nisso estou de acordo.

FLORÊNCIA  
Fui vilmente atraída.

ROSA

E eu indignamente insultada...

FLORENCIA

Atormentei meus filhos...

ROSA

Contribuí para a morte de minha mãe...

FLORENCIA

Estragou grande parte de minha fortuna...

ROSA

Roubou-me todos os meus bens...

FLORENCIA

Oh, mas hei de vingar-me!

ROSA (*levantando-se*)

Havemos de vingarmo-nos, senhora, e para isso aqui me acho.

FLORENCIA (*levantando-se*)

Explique-se.

ROSA

Ambas fomos traídas pelo mesmo homem, ambas servimos de degrau à sua ambição. E porventura somos disso culpadas?

FLORENCIA

Não.

ROSA

Quando lhe dei eu a minha mão, poderia prever que ele seria um traidor? E vós, senhora, quando lhe destes a vossa, que vos uníeis a um infame?

FLORÊNCIA

Oh, não!

ROSA

E nós, suas desgraçadas vítimas, nos odiaremos mutuamente, em vez de ligarmo-nos, para de comum acordo perseguirmos o traidor?

FLORÊNCIA

Senhora, nem eu, nem vós temos culpa do que se tem passado. Quisera viver longe de vós; vossa presença aviva meus desgostos, porém farei um esforço — aceito o vosso oferecimento — unamo-nos e mostraremos ao monstro o que podem duas fracas mulheres quando se querem vingar.

ROSA

Eu contava convosco.

FLORÊNCIA

Agradeço a vossa confiança.

ROSA

Sou provinciana, não possuo talvez a polidez da Corte, mas tenho paixões violentas e resoluções prontas. Aqui trago uma ordem de prisão contra o pérfido, mas ele se esconde. Os oficiais de justiça andam em sua procura.

FLORÊNCIA

Aqui estive há pouco.

ROSA

Quem?

FLORÊNCIA

O traidor.

ROSA

Aqui? Em vossa casa? E não vos assegurastes dele?



FLORÊNCIA

E como?

ROSA

Ah, se eu aqui estivesse...

FLORÊNCIA

Fugiu, mas levou uma maçada de pau.

ROSA

E onde estará ele agora, aonde?

AMBRÓSIO (*arrebenta uma tábua do armário, põe a cabeça de fora*)

Ai, que abafó!

FLORÊNCIA e ROSA (*assustadas*)

É ele!

AMBRÓSIO (*com a cabeça de fora*)

Oh, diabo, cá estão elas!

FLORÊNCIA

É ele! Como te achas aí?

ROSA

Estava espreitando-nos!

AMBRÓSIO

Qual espreitando! Tenham a bondade de levantar este armário.

FLORÊNCIA

Para quê?

AMBRÓSIO

Quero sair... Já não posso... Abafó, morro!

ROSA

Ah, não podes sair? Melhor.

AMBRÓSIO

Melhor?

ROSA

Sim, melhor, porque estás em nosso poder.

FLORÊNCIA

Sabes que estávamos ajustando o meio de nos vingarmos de ti, maroto?

ROSA

E tu mesmo te entregaste... Mas como?...

FLORÊNCIA

Agora já adivinho. Bem dizia Emília; foi Carlos quem levou as bordoadas. Ah, patife, mais essa!

ROSA

Pagará tudo por junto.

AMBRÓSIO

Mulheres, vejam lá o que fazem!

FLORÊNCIA

Não me metes medo. Grandíssimo mariola!

ROSA

Sabes que papel é este? É uma ordem de prisão contra ti que vai ser executada. Foge agora!

AMBRÓSIO

Minha Rosinha, tira-me daqui!

FLORÊNCIA

O que é lá?

AMBRÓSIO

Florecinha, tem compaixão de mim!

ROSA

Ainda falas, patife?

AMBRÓSIO

Ai, que grito! Ai, ai!

FLORÊNCIA

Podes gritar. Espera um bocado. (*Sai*)

ROSA

A justiça de Deus te castiga.

AMBRÓSIO

Escuta-me, Rosinha, enquanto aquele diabo está lá dentro: tu és a minha cara mulher; tira-me daqui que eu te prometo...

ROSA

Promessas tuas? Queres que eu acredite nelas?

(*Entra Florência trazendo um pau de vassoura*)

AMBRÓSIO

Mas eu juro que desta vez...

ROSA

Juras? E tu tens fé em Deus para jurares?

AMBRÓSIO

Rosinha de minha vida, olha que...

FLORÊNCIA (*levanta o pau e dá-lhe na cabeça*)

Toma, maroto!

AMBRÓSIO (*escondendo a cabeça*)

Ai!

ROSA (*rindo-se*)

Ah, ah, ah!

FLORÊNCIA

Ah, pensavas que o caso havia de ficar assim? Anda, bota a cabeça de fora!

AMBRÓSIO (*principia a gritar*)

Ai! (*Etc.*)

ROSA (*procura pela casa um pau*)

Não acho também um pau...

FLORÊNCIA

Grita, grita, que eu já chorei muito. Mas agora hei de arrebentar-te esta cabeça. Bota essa cara sem-vergonha de fora!

ROSA (*tira o travesseiro da cama*)

Isto serve?

FLORÊNCIA

Patife! Homem desalmado!

ROSA

Zombastes, agora pagarás.

AMBRÓSIO (*botando a cabeça de fora*)

Ai, que morro! (*Dão-lhe*)

ROSA

Toma lá!

AMBRÓSIO (*escondendo a cabeça*)

Diabos!

ROSA

Chegou nossa vez.

FLORÊNCIA

Verás como se vingam duas mulheres...

ROSA

Traídas...

FLORÊNCIA

Enganadas...

ROSA

Por um tratante...

FLORÊNCIA

Digno da forca.

ROSA

Anda, bota a cabeça de fora!

FLORÊNCIA

Pensavas que havíamos de chorar sempre?

AMBRÓSIO (*bota a cabeça de fora*)

Já não posso! (*Dão-lhe*) Ai, que me matam! (*Esconde-se*)

ROSA

É para teu ensino.

FLORÊNCIA (*fazendo sinais para Rosa*)

Está bom, basta, deixá-lo. Vamos chamar os oficiais de justiça.

ROSA

Nada! Primeiro hei de lhe arrebentar a cabeça. Bota a cabeça de fora. Não queres?

FLORENCIA *(fazendo sinais)*

Não, minha amiga, por nossas mãos já nos vingamos. Agora, a Justiça.

ROSA

Pois vamos. Um instantinho, meu olho, já voltamos.

FLORENCIA

Se quiser, pode sair e passear. Podemos sair, que ele não foge.

*(Colocam-se juntas do armário, silenciosas)*

AMBRÓSIO *(botando a cabeça de fora)*

As fúrias já se foram. Escangalharam-me a cabeça! Se eu pudesse fugir...

*(Florência e Rosa dão-lhe)*

FLORENCIA

Por que não foges?

ROSA

Pode muito bem.

AMBRÓSIO

Demônios! *(Esconde-se)*

FLORENCIA

Só assim teria vontade de rir. Ah, ah!

ROSA

Há seis anos que me não rio de tão boa vontade!

FLORENCIA

Então, maridinho?

ROSA

Vidinha, não queres ver tua mulher?

AMBRÓSIO (*dentro*)

Demônios, fúrias, centopeias! Diabos! Corujas! Ai, ai! (*Gritando sempre*)

### CENA XVIII

*Os mesmos e Emília...*

EMÍLIA (*entrando*)

O que é? Riem-se?

FLORÊNCIA

Vem cá, menina, vem ver como se deve ensinar aos homens.

### CENA XIX

*Entra Carlos preso por soldados, etc., seguido de Jorge.*

JORGE (*entrando adiante*)

Vizinha, o ladrão foi apanhado.

CARLOS (*entre os soldados*)

Tia!

FLORÊNCIA

Carlos!

EMÍLIA

O primo!

*(Ambrósio bota a cabeça de fora e espia)*

JORGE  
É o ladrão.

FLORÊNCIA  
Vizinho, este é meu sobrinho Carlos.

JORGE  
Seu sobrinho? Pois foi quem levou a coça.

CARLOS  
Ainda cá sinto...

FLORÊNCIA  
Coitado! Foi um engano, vizinho.

JORGE (*para os meirinhos*)  
Podem largá-lo.

CARLOS  
Obrigado. Priminha! (*Indo para ela*)

EMÍLIA  
Pobre primo!

FLORÊNCIA (*para Jorge*)  
Nós já sabemos como foi o engano, neste armário; depois lhe explicarei.

(*Ambrósio esconde-se*)

JORGE (*para os soldados*)  
Sinto o trabalho que tiveram... E como não é mais preciso, podem-se retirar.

ROSA



Queiram ter a bondade de esperar. Senhores oficiais de justiça, aqui lhes apresento este mandado de prisão, lavrado contra um homem que se oculta dentro daquele armário.

TODOS

Naquele armário!

MEIRINHO *(que tem lido o mandado)*

O mandado está em forma.

ROSA

Tenham a bondade de levantar o armário.

*(Os oficiais de justiça e os quatro homens levantam o armário)*

FLORENCIA

Abram.

*(Ambrósio sai muito pálido, depois de abrirem o armário)*

CARLOS

O senhor meu tio!

EMÍLIA

Meu padraсто!

JORGE

O Sr. Ambrósio?

MEIRINHO

Estais preso.

ROSA

Levai-o.

FLORENCIA

Para a cadeia.

AMBRÓSIO

Um momento. Estou preso, vou passar seis anos na cadeia... Exultai, senhoras. Eu me deveria lembrar antes de me casar com duas mulheres, que basta só uma para fazer o homem desgraçado. O que diremos de duas? Reduzem-no ao estado em que me vejo. Mas não sairei daqui sem ao menos vingar-me em alguém. *(Para os meirinhos)* Senhores, aquele moço fugiu do convento depois de assassinar um frade.

CARLOS

O que é lá isso?

*(Mestre de Noviços entra pelo fundo)*

AMBRÓSIO

Senhores, denuncio-vos um criminoso.

MEIRINHO

É verdade que tenho aqui uma ordem contra um noviço...

MESTRE

...Que já de nada vale.

*(Prevenção)*

TODOS

O Padre-Mestre!

MESTRE *(para Carlos)*

Carlos, o Dom Abade julgou mais prudente que lá não voltásseis. Aqui tens a permissão por ele assinada para saíres do convento.

CARLOS *(abraçando-o)*

Meu bom Padre-Mestre, este ato reconcilia-me com os frades.

MESTRE

E vós, senhoras, esperai da justiça dos homens o castigo deste malvado. (*Para Carlos e Emília*) E vós, meus filhos, sede felizes, que eu pedirei para todos (*ao público*) indulgência!

AMBRÓSIO

Oh, mulheres, mulheres!

(*Execução*)



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**